

A PESCA DO CAÇÃO



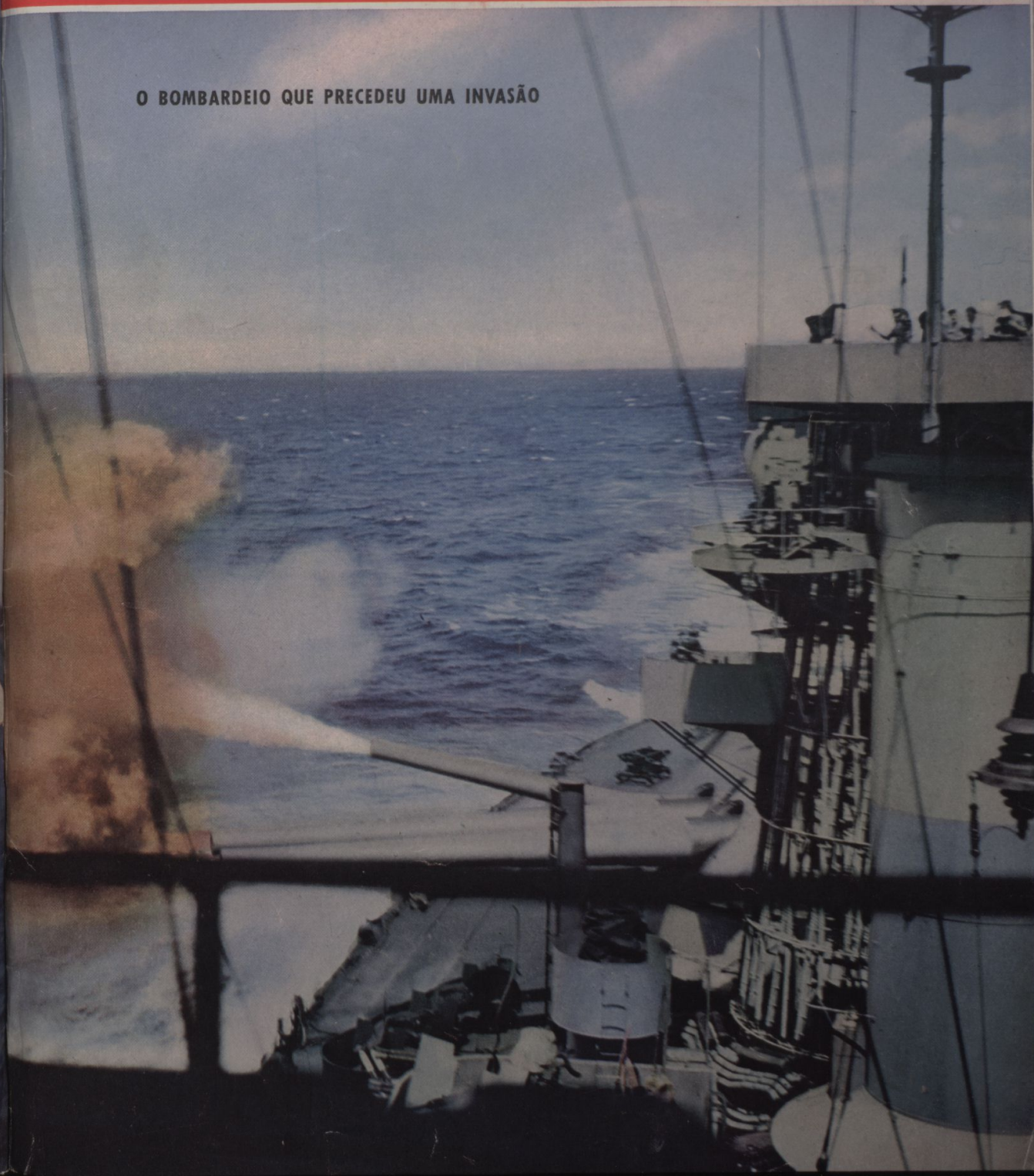
# EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 8

O BOMBARDEIO QUE PRECEDEU UMA INVASÃO



# OFENSIVAS

OS REVESES DOS PRIMEIROS ANOS DA GUERRA E OS EXITOS DE HOJE

**D**EPOIS de terem sofrido revezes iniciais, as forças aliadas, com os seus sucessos alcançados em terra, no ar e no mar, estão fazendo aproximar-se dos momentos decisivos a maior e a mais custosa guerra da humanidade. Não há como diminuir o realce do fato de estarem as forças aéreas norte-americanas e britânicas destruindo ou danificando seriamente os centros industriais germânicos e reduzindo cada vez mais o potencial da aviação nazista. Por seu turno, os russos têm expulsado os alemães da maior parte do vasto território soviético que eles haviam conquistado logo no começo da guerra. E na Itália, as forças aliadas dominam importante área da ex-comparsa do Eixo, ao mesmo tempo que, nos mares, se encontra completamente dominado o perigo da tremenda campanha submarina lançada pelos alemães.

Este é o aspecto geral da situação no momento em que os Estados Unidos e a Inglaterra completam seus planos para invadir a "Fortaleza da Europa" alemã.

No Pacífico, pouco a pouco vai se reduzindo a longa jornada da vitória, mercê dos constantes sucessos das armas americanas, em terra, no ar e no mar, cujos resultados são aproximar cada vez mais a luta dos próprios domínios nacionais japoneses. Será então o fim da sua resistência.

Em contraste com a situação de há apenas dois anos, as perspectivas para as Nações Unidas são deveras animadoras. Não obstante, os chefes aliados não alimentam ilusões quanto a ser a vitória final um objetivo fácil ou que dependa de pouco tempo. Ao contrário, esperam que o restante da jornada seja a etapa mais penosa e mais custosa, a mais difícil e mais sangrenta de todas. A Alemanha ainda continua formidável, e o Japão ainda domina as Filipinas, a península Maláia e outros importantes pontos estratégicos, de que se apoderou.

**C**ONTUDO, os aliados têm feito grandes progressos desde 1942. Em vez de estarem completamente na defensiva, estão agora atacando em quase todas as numerosas frentes da guerra. E em vez da insuficiência de armas modernas, agora dispõem de navios, de aviões e de armas melhores e em maior número do que o inimigo. Há dois anos, o Japão estava avançando para o oeste, no Pacífico, apoderando-se de ilhas dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Holanda, e aproximando-se do Hemisfério Ocidental. A Alemanha, com o concurso dos recursos materiais e de homens, da Itália e dos satélites do Eixo, forçava sua entrada em Stalingrado, punha em risco a Índia e continuava a ameaçar a Inglaterra com uma invasão. Para os japoneses, seu primeiro grande revés verificou-se em Maio de 1942. Nos primeiros meses da guerra, eles tinham enfrentado, relativamente, poucas dificuldades na invasão de Burmânia, da Indochina Francesa, da Tailândia, da Maláia, da Sumatra, Java, Bornéu, das Filipinas e das ilhas ao norte da Austrália. Quando atacaram Pearl Harbor, surpreenderam os Estados Unidos com um exército composto de 170.000 homens e 12.000 oficiais, e uma Marinha insuficiente para a guerra, sendo que vá-

**A explosão** de bombas incendiárias lançadas pelos aviadores norte-americanos sobre os aviões japoneses colhidos hum dos aeródromos na base de Rabaul, no Pacífico, onde se intensifica a contra-ofensiva americana

rios navios ficaram inutilizados temporariamente. Mas não tardaram os revezes para os japoneses. Quando menos esperavam, durante sua concentração de numerosas unidades navais e de transportes de guerra no porto de Tulagi, no arquipélago de Salomão, a aviação naval americana, no dia 4 de Maio de 1942, lançou um formidável ataque do qual resultou o afundamento de sete navios de guerra inimigos e numerosos cargueiros. Essa foi a batalha do Mar de Coral, de desastrosas consequências para o astuto adversário.

Em meados de Setembro do mesmo ano, os japoneses já tinham avançado a 32 milhas do porto de Moresby, na Nova Guiné, ponto do qual podiam alcançar com sua artilharia, a costa norte da Austrália. Esse foi o ponto culminante da avançada do inimigo.

A primeira grande ofensiva das forças dos Estados Unidos já estava, entretanto, em andamento na área das ilhas de Salomão, contando com o

crescente reforço de tropas, de navios, aviões e armamentos. E com a ajuda das forças da Austrália e da Nova Zelândia, o Exército e a Marinha dos Estados Unidos, pouco a pouco, foram dominando a vasta área do sudoeste do Pacífico. Ao mesmo tempo, a avançada dos aliados prosseguia ao norte, atacando e conquistando as ilhas de Buna, Salamaua, Lae, Finshafen e, finalmente, Nova Bretanha, Bougainville e o arquipélago do Almirantado, assim como as ilhas de Kiska, de Agattu e de Attu, do arquipélago das Aleutas, no extremo setentrional do Alasca.

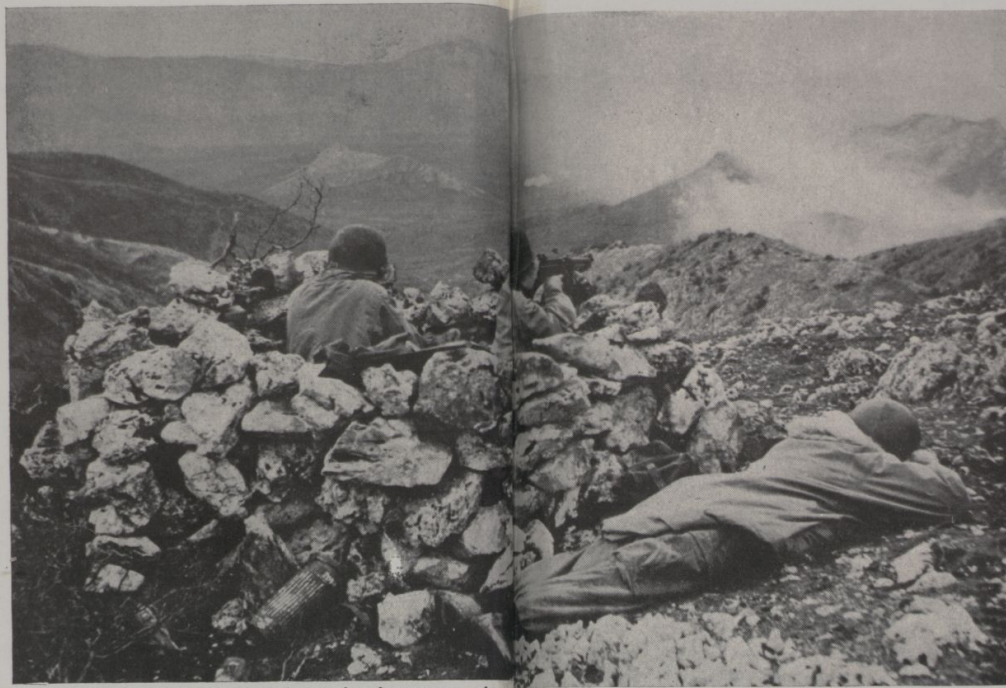
Memorável foi também a avançada das forças americanas no Pacífico central, verificando-se a invasão das ilhas Gilbert e das ilhas Marshall. Estas constituíam um domínio japonês desde antes da guerra, em virtude de mandato da Liga das Nações. E enquanto a ilha de Eniwetock, a maior das ilhas de coral do arquipélago, caía em poder dos americanos, outras forças dos Estados Unidos



A artilharia dos EE. UU. atacando as forças do Eixo na Itália



**Prisioneiros** alemães a caminho de um dos campos de concentração na Itália. Em baixo: a cena de morte e de destruição que os fuzileiros navais americanos encontraram na ilha de Kawajlein, depois de um dos mais violentos combates, tal foi a resistência oferecida pelos japoneses



Num dos vales, na Itália, onde ainda se vê a fumaça causada pela explosão das bombas, a artilharia dos EE.UU. concentra o seu fogo

concentravam o ataque contra a base japonesa de Truk, considerada como o maior ponto de apoio do inimigo naquela área. E o fato de poderem agora, os americanos, operar suas forças aéreas das bases conquistadas ao inimigo, nas ilhas Marshall, vem facilitar a intensificação dos ataques contra a base naval de Truk.

Os ataques aéreos contra outras bases do inimigo e a ação dos submarinos e de outras unidades navais contra a marinha de guerra e a marinha mercante japonesa, têm interrompido as suas linhas de comunicações com as várias fontes de materiais indispensáveis à indústria bélica do império. Não obstante, o Japão continua a manter poderosas linhas de defesa, as quais só poderão ser rompidas com grande dificuldade e tenacidade.

E ao mesmo tempo que a esquadra dos Estados Unidos continua a oferecer combate à enfraquecida esquadra japonesa, no Pacífico navios de guerra dos aliados dão caça às esporádicas unidades navais alemãs que ousam surgir nas águas do Atlântico. Em 1942, entretanto, a guerra no mar foi bastante desanimadora para os Estados Unidos, para a Inglaterra e para a Rússia. Navios carregados de preciosas matérias primas procedentes da América do Sul estavam sendo afundados em número crescente, pelos submarinos alemães. O transporte de material bélico dos Estados Unidos para as frentes de batalha na Europa, estava custando grandes perdas de vidas, de navios e de equipamento. Mas durante os dois anos que se seguiram, os meios de defesa adotados pelos aliados e a intensificação da guerra anti-submarina puseram termo ao perigo da ofensiva submarina nazista. Os destróieres e as demais unidades especialmente destinadas ao serviço de escolta, juntamente com os aviões, completaram a organização dos combates cujos resultados corresponderam à expectativa dos aliados. E atualmente, conquanto ainda haja submarinos, em número considerável, espreitando as rotas marítimas dos aliados, eles não se atrevem a atacar, receiosos dos efeitos fatais das formidáveis bombas de profundidade e de outras armas protetoras de que dispõem os combóios. Por isso, tropas e abastecimentos têm sido transportados em grandes quantidades, sem se verificar quase perda alguma. Merece registro ainda o fato de passarem longos períodos sem que haja a perda de um único navio.

Demais, as matérias primas essenciais para a fabricação de quase todos os tipos de armamentos nos Estados Unidos, continuam a vir, em quantidades sempre crescentes, das demais nações americanas. Esses materiais vitais, das minas, dos campos e das florestas do Hemisfério continuam a ser transformados, nas fábricas dos Estados Unidos, em instrumentos e em armamentos

para serem usados na luta comum contra o Eixo. A grande quantidade desses materiais tem feito com que a indústria bélica norte-americana possa alcançar ainda maiores recordes de produção. Grande parte desse material bélico tem sido enviada para a Rússia, afim de fortalecer a campanha que tem causado aos alemães as maiores perdas de homens e materiais e de prestígio.

Em 1942, os exércitos nazistas tinham avançado continuamente na Rússia. Leningrado estava sob rigoroso sítio, Moscou estava "com os seus dias contados" e os invasores já combatiam nas ruas de Stalingrado. Quando se verificou o colapso da última ofensiva germânica, destinada a esmagar a Rússia, em Julho de 1943, os atacantes estavam numa longuíssima linha de batalha que se estendia desde os subúrbios de Leningrado até o estuário do rio Don, ao norte das montanhas do Cáucaso, no sul da Rússia.

Em meados do verão, os russos começaram a contra-atacar quase continuamente, conseguindo levantar o sítio de Leningrado, depois de 515 dias de intensa luta, e obrigando os alemães a recuar em toda a linha de batalha, com grande sacrifício de vidas. E à medida que se delineava a invasão das forças dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, no oeste, os alemães foram abandonando definitivamente o território russo. A frente nazista foi rompida em numerosos pontos e os exércitos russos avançam agora decididamente na Estônia, na Polónia e na România.

Ao sul, a pressão contra a Alemanha tem sido feita pelas forças norte-americanas, inglesas e australianas, cuja avançada continua ganhando terreno, passo a passo, na península italiana. Um dos bons efeitos da invasão da Itália foi obrigar Hitler a transferir numerosas tropas da frente russa, afim de reforçar a sua resistência contra a invasão dos aliados ao sul e, ao mesmo tempo, garantir-se contra qualquer subversão em território sob sua dominação, na Europa meridional.

Há dois anos, os chefes nazistas não tinham tais preocupações. Os exércitos alemães, reforçados pelas legiões italianas, estavam avançando pelo norte da África, em direção ao Egito. Estavam já a menos de 45 quilômetros de Alexandria, o objetivo que Hitler tinha em vista, durante os dois anos da tremenda campanha no deserto. À queda de Alexandria poderia ter se seguido a conquista da África, pelos nazistas; a Rússia poderia ter sido flanqueada no Cáucaso, e os tentáculos do Eixo poderiam, finalmente, se estender através da Ásia e fazer contato com os japoneses. Mas, mesmo à vista das torres de Alexandria, os alemães foram repelidos. E, poucos meses depois, as forças das Nações Unidas foram colher a inimigo de surpresa na costa norte-africana. Combóios compostos



**Bombas** incendiárias de 250 quilos cada uma, projetam-se dos aviões norte-americanos sobre as fábricas alemãs, em Kiel, espalhando a destruição numa vasta área. Em baixo: as bombas fosfóricas continuam a queimar em Berlin, ao romper do dia, depois de um dos formidáveis ataques





Tropas de infantaria russa avançando, protegidos por tanques, em perseguição do inimigo. Em face da tremenda pressão das forças russas, os alemães têm abandonado a maior do vasto território que tinham ocupado

de 850 navios atacaram simultaneamente em pontos situados a centenas de milhas de distância. Auxiliadas pela forças francesas no ataque contra os alemães na Líbia e na Tunísia, ao este, as forças aliadas obrigaram finalmente a retirada dos exércitos do Eixo do solo africano, e através do Mediterrâneo depois de formidáveis batalhas no ar e em terra. Os aliados continuaram a perseguir o inimigo. O ponto de apoio para a invasão da Itália era a ilha de Sicília, que foi invadida com sucesso. Feito isso, atravessaram o canal e invadiram o sul da Itália, apesar da grande resistência do inimigo. A Itália, que era comparsa da Alemanha desde a queda da França, rendeu-se e entregou o remanescente da sua esquadra aos aliados.

Interessado em manter a luta nesta segunda guerra fóra do solo alemão, Hitler fez reforçar apressadamente a sua linha de batalha, com as tropas retiradas de outras frentes e está resistindo a todo custo ao sul de Roma. As tropas anfíbias aliadas, entretanto, atacaram de surpresa na costa do mar Tirrênio, pela retaguarda das linhas do inimigo e encurtaram a distância que os separava da capital italiana. A captura do território italiano proporcionou aos aliados suficientes aeródromos para o constante bombardeio das posições das tropas nazistas na Itália e das indústrias de guerra na Alemanha, ataques feitos de coordenação com as forças aéreas que têm suas bases na Inglaterra.

A guerra aérea que durante quatro anos tem causado danos irreparáveis à produção bélica e à aviação do inimigo, foi iniciada pelos próprios alemães, quando atacaram a Polônia e mais tarde, várias nações fracas e indefesas. Em Março de 1940, começou o bombardeio da Inglaterra. Mais de 50.000 civis foram mortos em consequência desses raids, em menos de três anos. A perda de aviões alemães, entretanto, em comparação com a sua capacidade de produção, foi considerável, e os ataques foram, por isso, diminuindo de frequência e de intensidade, de mês a mês. Em 1943, já a força aérea inimiga estava quase toda ela na defensiva.

**F**OI então que começou a se formar a maior força de bombardeiros, na Inglaterra composta de aviões para o ataque noturno, da Real Força Aérea, da aviação dos Domínios Britânicos e de outras nações aliadas, aos quais se reuniu a força aérea dos Estados Unidos, para o ataque diurno.

Tudo fazia crer, desde princípios de 1943, que o alto comando alemão estava certo da inferioridade industrial bélica do país, em relação com a produção dos aliados. Começaram então as tropas alemãs a serem reunidas em grandes massas na Alemanha e nos países ocupados, no oeste, com numerosos aviões de combate e canhões anti-aéreos. Novas armas de defesa foram adotadas, inclusive as chamadas bombas-foguete e instrumentos espe-

ciais para localizar os aviões aliados durante a noite. A despeito da formidável resistência dos alemães, aumentaram de intensidade os assaltos aéreos dos aliados contra os centros industriais e outros pontos estratégicos na Alemanha. Em fins de 1943, os aliados tinham lançado sobre território inimigo quase 280.000 toneladas de bombas, em comparação com as 71.000 toneladas que os alemães lançaram sobre a Inglaterra, durante os quatro anos.

Londres, a cidade mais bombardeada da Inglaterra foi alvejada com 450 toneladas de explosivos e bombas incendiárias durante 1940. Os aliados, retribuindo os ataques, lançaram mais de 3.000 toneladas de bombas, somente numa noite, contra Colônia, o grande centro industrial alemão. Frankfurt foi atingida com 3.360 toneladas de explosivos.

As vitórias aéreas dos aliados, em 1943, custaram a destruição de 997 bombardeiros dos Estados Unidos e 2.369 bombardeiros da Real Força Aérea britânica, sobre toda a Alemanha e o norte da Europa. O ano de 1944 marcou, logo de início, ainda maiores desastres para os alemães, causados pelos bombardeios dos aliados. Num dos raids foram lançados 350.000 bombas incendiárias e 10.000 bombas de alto explosivo contra Berlim, causando danos incalculáveis às suas fábricas e às suas importantes linhas de comunicações e de transporte. As perdas sofridas pelos Estados Unidos e pela Inglaterra, apesar de numerosas, foram considera-

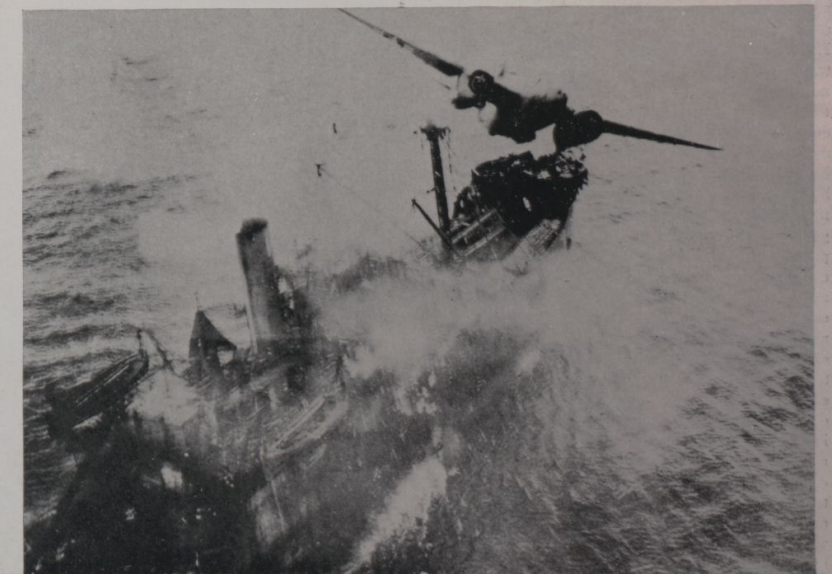


Atiradores de tocaia chineses na sua incessante reação contra os japoneses, nas ruínas de Changteh

das reduzidas em comparação com a tremenda destruição de indústria bélica, dos aviões, dos aeródromos e demais pontos estratégicos do inimigo. Demais, somente as substituições dos aviões perdidos, pela indústria dos Estados Unidos, excedeu de muito os aparelhos abatidos em combate. Quanto à aviação nazista, o seu contínuo enfraquecimento constitui uma condição essencial para a invasão dos aliados, com ponto de partida na Inglaterra.

A preparação para a fase decisiva da guerra exige ainda maiores esforços na frente interna dos Estados Unidos e das demais nações americanas, cuja participação constante no fornecimento de matérias primas bélicas tem justificado o cognome de "Arsenal" dos aliados.

As necessidades do governo dos Estados Unidos de produtos alimentícios para fins militares e para exportar, durante este ano, absorverá quase a quarta parte do total da produção. Em Fevereiro, o custo da guerra montava a \$312.300.000 por dia, tendo sido aumentados os impostos necessários para fazer face às despesas bélicas. Muitos artigos de consumo doméstico aos quais a população civil já se tinha acostumado durante o tempo de paz, não mais são fabricados, sempre que a sua matéria prima pode servir para fins de guerra. Muitas famílias estão sendo separadas, algumas temporariamente, outras para sempre, em consequência da necessidade de perfazer os efetivos militares.



Bombardeiros dos Estados Unidos ganhando altitude rapidamente, depois de lançarem certas bombas contra um transporte japonês, nas águas da Nova Guiné. O navio foi destruído juntamente com três outras unidades inimigas

# O REEMPREGO DOS VETERANOS

COMO ESTÁ SE OPERANDO A SUA REINTEGRAÇÃO NA VIDA CIVIL

OS veteranos da guerra, militarmente incapacitados de continuar nas frentes de batalha, já estão preenchendo as vagas nos trabalhos da frente interna. Todos os meses milhares de combatentes dão baixa do serviço das forças armadas, por causa de ferimentos recebidos em combate, ou por molestias, acidentes, etc. Em Fevereiro deste ano, o número dos excluídos do serviço ativo estava sendo, em média, de 100.000 homens por mês. Durante os primeiros dois anos da guerra, um milhão de homens deixou as fileiras, por estarem incapacitados fisicamente. Numerosos veteranos assim afastados das lides combatentes passam a ser úteis, depois do necessário período de tratamento e convalescência, indo trabalhar nas fábricas de material bélico, nas plantações, no comércio e em centenas de outras ocupações.

Com a escassez de mão de obra em consequência do aumento dos efetivos das forças armadas, o retorno dos veteranos ao trabalho civil continua a ser uma contribuição ao esforço de guerra. As autoridades federais, estaduais e municipais, assim como as organizações trabalhistas, sociedades cívicas e numerosos cidadãos, individualmente, estão prestando toda a assistência necessária para facilitar o aproveitamento dos veteranos de guerra nas diversas indústrias do país. Estas, por sua vez, cooperaram com todo o interesse, consolidando assim uma garantia que é útil aos antigos combatentes e à própria marcha da produção. O Congresso já autorizou o pagamento devido aos veteranos e está legislando sobre outros benefícios, como o seguro contra o desemprego, o amparo na velhice, hospitalização, reabilitação física e ensino profissional, sob os auspícios do governo federal.

O general de brigada Frank T. Hines, diretor do serviço de reemprego e ensino profissional, tanto dos homens como das mulheres que estiveram serviço de guerra, está coordenando o trabalho de várias organizações. Durante a última guerra, o general Hines especializou-se nesse mistér, e, desde 1922, é chefe da Administração Federal dos Veteranos, com sede em Washington. Depois da guerra, quando fôr desmobilizada grande parte dos efetivos de 11.500.000 homens e mulheres que estão agora nas forças armadas, o reemprego será um dos grandes problemas. Muitas fábricas que agora produzem material bélico ficarão inativas enquanto se transformam novamente para a produção de paz. Neste momento, a reabilitação e o reemprego dos veteranos que deixam as frentes de batalha é uma tarefa relativamente simples. A procura de mão de obra na indústria bélica e na indústria civil é tão grande que todo veterano em condições de ser aproveitado encontra trabalho dentro de pouco tempo em vários officios.

Os veteranos cujos ferimentos recebidos em combate os impossibilitam de voltar às fileiras, começam a sua reabilitação nos próprios hospitais das bases onde eles se encontram, seja na Itália ou nas longínquas ilhas do Pacífico. Ali, médicos e enfermeiras, juntamente com os officiais especialistas, dão começo ao trabalho de restauração física ou mental dos enfermos. Uma vez removidos para os hospitais nos Estados Unidos, esse tratamento se completa sob os mais modernos cuidados científicos. E, mesmo antes de terem alta dos hospitais, os veteranos ficam já a cargo de representantes da Cruz Vermelha, cuja missão é auxiliá-los na escolha da preparação vocacional que mais lhes convenha, proporcionar-lhes recursos monetários, encaminhar petições referentes a pensões a que tenham direito, acompanhar a sua reabilitação e garantir-lhes o reemprego. O Serviço de Alistamento Militar também se incumbem de encaminhar os veteranos na vida civil.

SEGUNDO as disposições da lei, todo veterano das forças armadas ou da marinha mercante que deixaro serviço ativo regularmente, tem direito ao emprego que exercia antes da sua convocação, sem perda dos privilégios ou do pagamento que lhe competir, se ainda estiver fisicamente capaz de exercer as suas funções. De maneira a garantir o aproveitamento dos soldados desmobilizados depois da guerra, o Serviço de Alistamento organizou várias comissões encarregadas do reemprego dos veteranos, comissões compostas de cidadãos, cujos serviços são prestados voluntariamente. Essas comissões agem em coordenação com as juntas locais de alistamento, às quais devem se apresentar os veteranos logo que deixam o serviço ativo. As comissões orientam em tudo que se referir ao seu reemprego, inclusive a preparação profissional para novos officios ou afazeres. Os resultados têm sido excelentes. Em muitos casos, os veteranos, por terem se especializado em várias funções durante o serviço de

guerra, preferem continuar a aplicar seus conhecimentos em trabalhos correlatos na vida civil. As comissões se encarregam então de encaminhá-los para as indústrias nas quais eles possam ser aproveitados com maior vantagem. Os membros dessas comissões encontram, naturalmente, ampla colaboração de inúmeras entidades particulares, que lhes facilitam informações e sugestões para cada caso em espécie. Destacam-se, dentre essas entidades, a Câmara do Comércio dos Estados Unidos, os sindicatos trabalhistas e numerosos clubes e organizações cívicas.

Ao mesmo tempo, é de grande significação o concurso do Escritório Federal do Trabalho, entidade do governo cujo fim é selecionar empregos de acordo com as necessidades dos desempregados e dos empregadores, mantendo para isso 1.500 agências em todo o país. Esse escritório está pondo o seu excelente serviço de informações e pesquisas à disposição das juntas de alistamento militar, facilitando aos veteranos todos os dados completos sobre as vagas e a procura de mão de obra em numerosas indústrias. Cada agência recebe informações periódicas nesse sentido e comunica-se imediatamente com os veteranos em condições de serem empregados. Se não houver um emprego satisfatório disponível no distrito no qual o veterano haja requerido, a agência contata o escritório central em Washington, que se encarrega de verificar a existência de um emprego em condições, noutro ponto do país.

OUTROS veteranos estão requerendo à Administração dos Veteranos, outra agência do governo que se encarrega da reabilitação e das pensões aos ex-combatentes, já tendo posto centenas de veteranos em cursos especiais, tanto nas escolas e nas universidades, como nas próprias fábricas. Qualquer veterano incapacitado em consequência de ferimentos recebidos em combate pode requerer a essa organização a sua admissão aos cursos vocacionais, os quais variam desde o trabalho de desenhista mecânico ou de arte aplicada, até os estudos especializados universitários, por um período que pode ser de quatro anos. Um veterano, que requereu à Administração, tinha sido chofér de caminhão e empregado de restaurante, antes de ser alistado no exército. A tarefa de cavar trincheiras, o fogo das armas de artilharia e as marchas forçadas sob o peso do seu equipamento, causaram-lhe um lesão nos músculos cardíacos, tendo sido, por isso, internado no hospital, para tratamento. Depois de um curto período, teve baixa do serviço e os médicos o aconselharam a evitar qualquer trabalho que exigesse esforço demasiado. Como tinha habilidade para o desenho técnico, foi-lhe facilitado, um curso dessa especialidade.



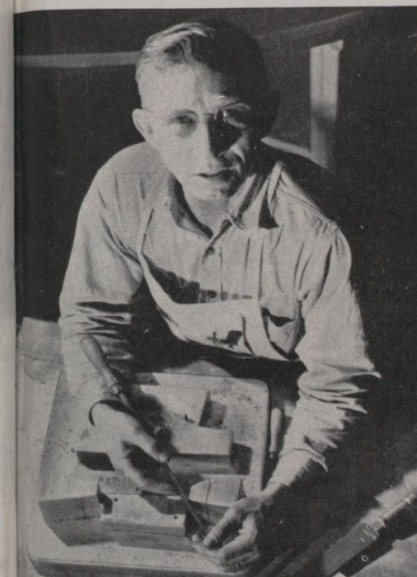
O veterano Salvador Ricci, sendo atendido por George E. Kramer, num dos postos de reemprego, em Filadélfia. O governo dos EE. UU. coopera em todos os sentidos para normalizar a vida civil dos ex-combatentes



William J. Lane, Jr. (à esquerda) e Robert C. Dilley, ex-combatentes, agora reintegrados na vida civil, recebem o primeiro dos dois pagamentos de 100 dólares, garantidos por lei



O ex-soldado H. Grabor faz uma prova da sua aptidão perante a diretor do posto, F. McNamee (à esquerda), o Prefeito de Filadélfia, B. Samuel (ao centro)



O ex-marineiro Floyd Hardin, depois de três torpedeamentos e de 19 dias perdido no mar, agora é operário



Alex Czajkowski ex-marítimo, sofreu graves ferimentos a bordo, mas trabalha atualmente numa fábrica de aeroplanos

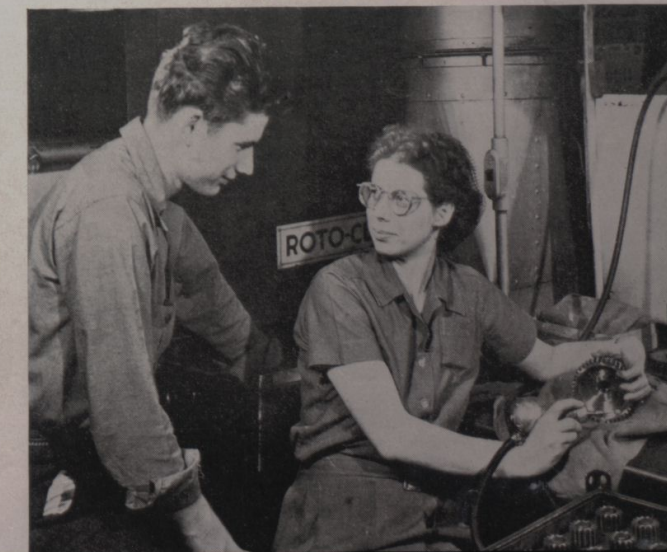


Paul Krouse ex-fuzileiro naval, perdeu um braço na guerra. Agora é guarda numa fábrica

Depois de dar baixa do serviço, o ex-fuzileiro naval, Richard E. Huber, de 20 anos de idade, ainda usando seu uniforme, retorna aos seus estudos, sob a direção de Miss Ruth Carter



Robert Smith, de 18 anos, incapacitado em combate no Pacífico, está agora trabalhando numa fábrica de aviões, juntamente com sua mãe, a Sra. Ruby Baltes



# CORONELA HOBBY

HÁ dois anos, o Departamento da Guerra dos Estados Unidos criou uma das funções de maior responsabilidade a serem exercidas por uma mulher. Tratava-se de organizar e de comandar um corpo feminino para substituir as praças do Exército em vários serviços administrativos e em funções não-combatentes, aumentando assim o número dos soldados ativamente empenhados nas frentes de batalha. A responsabilidade de realizar essa tarefa coube a uma mulher do Texas, senhora de grande atividade—Oveta Culp Hobby, notável por seus trabalhos no jornalismo, no rádio, no campo da educação e nas lides políticas. Apesar da sua reconhecida habilidade, a Sra. Hobby, que mal aparenta seus 37 anos de idade, mostrou-se esquiwa e duvidosa de si mesma, quanto a ser capaz de levar a efeito o encargo que lhe confiaram.

“Não sei se poderei fazer tanto,” confessou ao espôso. Ao que este respondeu: “Sendo um encargo confiado pela pátria, tem que fazer.”

Não houve, pois, outra solução para a Sra. Hobby senão a de se afastar do seu lar e de outras atividades enquanto durar a guerra e tornar-se diretora do Corpo Feminino do Exército, cujas componentes são geralmente conhecidas pela sigla WACS.

Um dos maiores obstáculos de início foi dissipar a dúvida de alguns homens quanto à habilidade das mulheres para funções de tal natureza. Levantava-se a questão de saber se as mulheres tinham a calma e a presença de espírito necessárias em face dos imprevistos decorrentes do serviço militar. As congratulações recebidas pelo Corpo Feminino um ano depois, em Maio de 1943, por ocasião do primeiro aniversário da sua criação, afastaram todas as dúvidas. “Onde quer que esteja uma dessas auxiliares,” declarou o comandante geral dos Serviços do Exército, “há um trabalho bem feito. O Exército precisa de mais auxiliares assim e orgulha-se da sua cooperação, que é das mais importantes.”

## A comandante do Corpo Feminino do Exército tem tido uma brilhante carreira no jornalismo

Desde então, tem sido reconhecida cada vez mais a importância do Corpo Feminino. Sua diretora passou a funcionar junto ao estado-maior do Exército e, em vez de ser considerado simplesmente como uma unidade auxiliar, o Corpo é agora parte integrante do Exército, com os mesmos direitos e regalias que competem aos militares, e seu efetivo passou a ser de 200.000 “praças”.

Grande parte do sucesso dessa prestimosa unidade do Exército norte-americano é devida aos esforços da sua competente chefe, a Sra. Hobby, à qual foi conferido o posto de coronel. Desde o início, soube impôr-se ao respeito e à admiração de suas comandadas, evidenciando raras qualidades de organizadora e de diretora. Seu valioso tirocínio numa vida de trabalho construtivo e variado serviu, naturalmente, para dar à organização sob seus cuidados, um prestígio notável pela eficiência com que, desde o começo, tem se desempenhado das suas árduas funções. Graduada pela Universidade do Texas, a Sra. Hobby, já fez parte da legislatura estadual do Texas. Após o seu consórcio com William P. Hobby, ex-governador do Estado e editor do jornal *Houston Post*, dedicou-se ao jornalismo, vindo a ser vice-presidente da empresa.

Ao mesmo tempo, era diretora-gerente da rádio-emissora do Texas, fazia parte da Junta de Regentes do Colégio de Professores do Estado, era diretora de um dos bancos locais e presidente da Liga do Eleitorado Feminino do Texas. Sua intensa atividade, entretanto, não lhe tem diminuído a atração da sua extraordinária personalidade, nem

tão pouco a exata compreensão que sempre teve do papel da mulher no lar e nos destinos do país. Para a Sra. Hobby, a vida de família é o cerne da nacionalidade. Às suas comandadas, tem ela acentuado o fato de se tornar “ainda maior o apêgo ao lar para as mulheres que o deixam porque vão para a guerra.” De regresso de uma inspeção a vários pontos, na Inglaterra, na África do norte, no Egito, na Nova Caledônia e na Índia, onde estão estacionadas mais de 3.000 de suas comandadas, a Sra. Hobby declarou que, em todas, nota-se a mais decidida disposição para fazer sacrifícios a bem da defesa de seus lares e de suas famílias.

A vida das 70.000 componentes do Corpo Feminino do Exército é sujeita a todos os rigores da disciplina militar, e as obrigações a seu cargo delas exigem extraordinária atenção e ânimo forte sob as mais imprevistas contingências da guerra. Todas, porém, têm revelado uma perfeita compreensão dos seus deveres, fato em que se refletem os proveitosos exemplos dados pela sua diretora, Sra. Hobby, cujo dia de trabalho começa antes das 9 horas, todas as manhãs. Em geral, consegue ir à casa, 11 horas depois, para jantar com sua filha, de 7 anos. Mas os afazeres do seu cargo frequentemente só terminam tarde da noite. Pouco tempo tem tido para visitar o espôso e um filho, residentes no Texas.

Na sua opinião, entretanto, as responsabilidades do elemento feminino que ora está levando a sua contribuição para a vitória, oferece um ensêjo de prepará-lo melhor para muitos aspectos da vida civil. “Tenho notado, como diretora,” disse ela, “grandes possibilidades latentes nas moças que estão sob meu comando. Adquirem prontamente uma noção de simplificar as coisas, demonstrando assim um valioso espírito de iniciativa. Eu julgava que sabia organizar e dividir perfeitamente o meu tempo disponível, conforme as minhas necessidades. Mas somente agora como comandante, reconheço que estou realmente aprendendo a fazer isso.”

→ A Sra. Oveta Culp Hobby, comandante do Corpo Auxiliar Feminino do Exército dos EE.UU. com o posto de coronel, no seu gabinete de trabalho, em Washington



Na Algeria: a Sra. Hobby cumprimenta Adine Van Coutren (à direita), que tem três irmãs e nove irmãos no serviço das forças armadas



No campo de aviação Mitchell: a Sra. Hobby (a segunda à direita), palestra com Peggy Peterson, motorista. Com ela estão Elizabeth Gilbert, diretora do tráfego aéreo, e o Cel. D. Johnston





O diretorio, recentemente eleito, de alunos de Escola Swarthmore, da Pensilvânia, ao qual incumbe a direção de várias atividades escolares. Da esquerda para a direita: Anna Whitson, Mary Lou Thayer e Robert McCowan, ao prestarem o respectivo juramento perante Rutherford B. Hayes, presidente do directório e bisneto do 19º Presidente dos EE. UU.

## VIDA ESCOLAR

NAS ESCOLAS PÚBLICAS DOS EE.UU.

MAIS de 25 milhões de crianças, de seis a dezoito anos de idade, frequentam as escolas públicas nos Estados Unidos, organizadas num sistema de mais de 130.000 escolas primárias e secundárias onde se dissemina a educação gratuita, no país inteiro. São escolas que variam desde a pequena escola de uma única sala, na zona rural, até os modernos estabelecimentos de ensino instalados em edifícios de oito andares, em muitos centros urbanos. Além das salas de aulas, propriamente, essas escolas têm salões de ginástica, salas de cozinha e de costura, auditórios, piscinas, oficinas, fundições, bancos, lavanderias, seção de encadernação e até apartamentos de sete peças, para o estudo aplicado de ciência doméstica.

Há escolas gratuitas para crianças física e mentalmente deficientes, assim como há também os programas acelerados para aquelas que demonstram qualidades excepcionais. Centenas de escolas públicas têm cursos noturnos para adultos.

Milhões de crianças nos Estados Unidos, não somente encontram facilidade para a educação gratuita, mas também, na maioria dos Estados, são obrigadas por lei a frequentar as escolas até completarem 16 anos de idade ou terminarem o curso secundário. Esse vasto sistema de educação gratuita teve suas raízes nas pequenas escolas particulares fundadas durante os primeiros tempos das colônias norte-americanas. Todos os alunos, então, deviam pagar, mas aqueles cujos pais não tinham recursos frequentavam as aulas gratuitamente. Daí surgiu a idéia das escolas gratuitas, as quais, em verdade, não tiveram grande desenvolvimento imediato, entre os colonos. Mas 1830, os princípios da educação gratuita já constituíam uma das maiores preocupações nas colônias.

Enquanto Abraham Lincoln e milhares de outros americanos tiveram que estudar por si mesmos, sob as mais adversas condições, Horace Mann e outros educadores se batiam vigorosamente pela adoção do sistema generalizado de escolas gratuitas nos Estados Unidos. Foi através dos seus esforços que dezenas de novas escolas públicas foram criadas. Espalhou-se com ardente entusiasmo a idéia da educação pública generalizada, ao alcance de todos, como o fator de resultados mais imediatos na solidificação dos princípios democráticos. Ao surgir do século vinte, houve um grande desenvolvimento na educação gratuita, verificando-se um aumento não somente no número de escolas, como nas suas respectivas instalações e nos cursos, que passaram a ter muito maior escopo. O professorado também aumentou consideravelmente, aparelhando-se melhor para os seus mistérios. E assim, um número cada vez maior de crianças em idade escolar foi se beneficiando das vantagens da educação gratuita. Os métodos pedagógicos foram encarados com crescente atenção, e os resultados da educação generalizada começaram a ser um dos maiores estímulos para ainda maiores conquistas.

Em 1840, dentre as crianças menores de 15 anos, a frequência escolar era de apenas 33 por cento. Em 1941, essa frequência atingia mais de 83 por cento, de crianças de 6 a 18 anos de idade. Desde a entrada do país na guerra, em 1941, o sistema de instrução gratuita tem passado por muitas alterações. Numerosos professores e alunos têm sido chamados para o serviço das forças armadas, sendo que as indústrias bélicas também têm absorvido muitos estudantes. Desde 1941, as matrículas nas escolas secundárias, que, a começar de 1918 aumentavam de mais de 200.000 por ano, passaram a diminuir



O aluno McCowan, tal como seus colegas, pratica todos os esportes escolares: o futebol, o basquetebol, as corridas de obstáculos e demais jogos organizados na escola. A ginástica é parte essencial do programa dessas numerosas escolas modelos norte-americanas, as quais já têm fornecido famosos campeões de vários jogos atléticos



Parte do estudo é feito na biblioteca em baixo: Robert (o segundo à esquerda) na oficina de carpinteiro, onde os alunos se familiarizam com várias ferramentas, fazendo pequenas peças de utilidade doméstica. A escola também dispõe de uma oficina de ferreiro e de uma pequena fundição. As aulas diárias absorvem sete horas diárias e constam de noções de ciências, de matemática, de artes industriais, de estudos sociais, de línguas e de ginástica



Robert McGowan, de 15 anos, aluno da Escola Swarthmore, está fazendo o curso elementar de ciência aplicada, do qual faz parte o desenho mecânico, de grande proveito



Quasi todos os alunos e os professores fazem suas refeições no restaurante da própria escola. A alimentação é preparada sob a direção de um professor especialista



**(Continuação)**

numa média anual de 476.457. Em 1943, um quinto do professorado tinha se afastado das escolas, e mais de 7.700 aulas dos diferentes cursos estavam suspensas, por falta de frequência.

Afim de preparar os menores de 18 anos para a sua futura inclusão no serviço das forças armadas e no trabalho industrial de guerra, as escolas secundárias reorganizaram seus cursos, acentuando mais os estudos de matemática, das ciências, das línguas, a preparação vocacional e a educação física. Além disso, cursos de primeiros socorros são ministrados a quasi todos os alunos.

Milhões de estudantes estão prestando voluntariamente, relevantes serviços, nas suas próprias localidades. Compram e vendem bonus de guerra, fazem a coleta de papel velho, de borracha usada e de sobra de metais; trabalham na preparação de

muitos artigos usados pelos combatentes, inclusive os que se destinam aos primeiros socorros de campanha; fazem modelos de aviões, geralmente adotados nos cursos regulares de aviação de guerra; trabalham no campo, em armazens e nas fábricas, durante o período das férias, ajudando assim a suprir a falta de mão de obra. Dessarte desenvolvem conhecimentos práticos numa variedade de atividades que, direta ou indiretamente, os habilitam para se preparem melhor em seus trabalhos futuros, sejam quais forem. Ao mesmo tempo, essa cooperação dá-lhes um senso de responsabilidade, identifica-os com o cumprimento de um dever cívico cuja significação começam a compreender como jovens cidadãos também sujeitos aos imprevistos e às premências da guerra que agita a nação inteira. O colegial Robert Conrad McCowan tipifica o

aluno que, nos Estados Unidos, tanto tem aproveitado com as facilidades existentes da educação gratuita. E' natural de Pensilvânia, tem 15 anos, é de constituição robusta e está terminando o curso da Escola de Swarthmore. As fotografias que ilustram estas páginas divulgam graficamente as atividades escolares desse aluno, que, na opinião dos seus professores, representa a generalidade do estudante norte-americano, e é estimado e admirado pelos seus colegas.

Robert mora com seus pais, tendo um irmão de 19 e uma irmã de 11 anos. O pai é gerente e guardalivros do escritório local, em Marcus Hook, de uma empresa de petróleo, na qual é empregado há 25 anos. O irmão é cadete naval. Robert, juntamente com os outros 500 alunos da escola, começa suas aulas às 8.30, frequenta sete aulas de 52 minutos

cada uma, todos os dias, tem 50 minutos para o almoço, e termina o dia escolar às 15.30. Do programa constam as seguintes matérias: inglês e outras línguas básicas, álgebra, artes industriais, ciências em geral, estudos sociais e administração local da sua própria escola. Tal como nas demais escolas secundárias norte-americanas, a de Swarthmore usa o sistema seccional. Cada matéria é ensinada por um professor especializado e os alunos passam periodicamente da ciência aplicada nos laboratórios, da aprendizagem nas oficinas e dos exercícios físicos, aos estudos de álgebra, de línguas, etc., de acordo com os respectivos programas individuais.

Muitas dentre as modernas escolas secundárias do tipo da Swarthmore adotam um programa de ensino bastante variado, oferecendo todas as facilidades para o estudo. Assim, além dos modernos mé-

todos de leitura, de composição e de aritmética, que nos primeiros tempos constituíam quasi que todo o programa nas escolas dos Estados Unidos, a de Swarthmore tem cursos de literatura, de mecânica, de aerodinâmica, de música, de desenho e pintura, de ciências físicas e biológicas, de matemática superior, de trabalhos em metal e de costura e cozinha. Além das 20 amplas salas de aulas, a escola tem ainda uma biblioteca, salas de música, um auditório, ginásio, sala de belas-arts e dependências onde estão instalados os serviços médicos e dentários, com uma enfermaria e respectiva enfermeira.

A guerra, naturalmente, tem alterado o programa consideravelmente. As competições atléticas, por exemplo, são agora em número mais reduzido, o auditório está fechado durante o inverno, para economizar carvão, e as oficinas não dispõem da quan-

tidade habitual de metais para as aulas práticas. Não obstante, de modo a intensificar a preparação dos alunos para os trabalhos industriais de guerra, novos cursos foram criados, referentes aos materiais e processos industriais, à ciência industrial, à mecânica dos motores e outras matérias. Todos os alunos agora fazem exercícios físicos diariamente, em vez de duas vezes por semana, como anteriormente; dedicam-se mais à matemática e às ciências aplicadas e aos idiomas. Do corpo docente, seis professores estão nas frentes de batalha, assim como numerosos ex-alunos, fato que constitui motivo de orgulho para a Escola de Swarthmore — uma dentre tantas que, nos Estados Unidos, estão formando, sob os princípios consagrados da moderna pedagogia, uma nova geração mais forte fisicamente e mais fértil de conhecimentos.



**No Instituto** Benjamin Franklin, de Filadélfia, o aluno McCowan e três colegas assistem a uma preleção feita sobre aviação, pelo diretor de pesquisas do Instituto, Thomas Coulson (o segundo à esquerda), que tem na mão um modelo do primeiro aeroplano construído por Santos Dumont. McCowan está com um modelo do avião "Airacobra", dos EE. UU.



**Do programa** escolar a música é parte importante, revelando e estimulando a habilidade de muitos alunos. Robert, por exemplo, faz parte da orquestra da Escola de Swarthmore



**Os McCowan** em família: (da esquerda para a direita) — Robert, sua mãe, sua irmã e seu pai. Seu irmão mais velho, Frank, está fazendo o curso da Escola Naval



**Robert McCowan** mora nos arredores da cidade e vai de bicicleta para a escola, todos os dias. Há dois anos que pertence aos escoteiros locais, tendo merecido numerosas distinções



**Extremamente** amável, Robert dá-se bem com os seus colegas e professores. Depois das aulas, sempre que pode, palestra um pouquinho com os companheiros





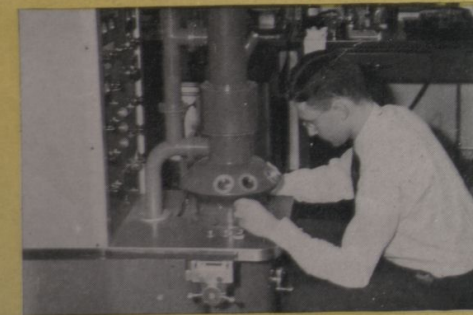
Preparando uma mistura básica de chumbo e óleo de feijão soia, para tinta, num dos laboratórios do Departamento de Agricultura



Um dos químicos especialistas fazendo experiências com a nicotina do fumo, na preparação de melhores inseticidas para a lavoura



Examinando o repêlo desidratado, para verificar se não foi afetado o seu conteúdo de vitamina C, durante a desidratação



O físico, Dr. Robert M. Chapman, examina, por meio de um poderoso microscópio elétrico, a estrutura de vários materiais plásticos



Um especialista procurando determinar a composição química do utilíssimo feijão soja

## LABORATORIO AGRÍCOLA

PARA O APROVEITAMENTO DOS PRODUTOS DO SOLO

**P**ALHA de trigo, palha de milho, espiga de milho, cascas de aveia e de amendoim, fôlhas e talos de verduras, cascas e pólpa de frutas cítricas, e tantos outros produtos da lavoura, eram antes postos fóra, por imprestáveis. Agora, nos laboratórios dos Estados Unidos intensifica-se o seu aproveitamento para a fabricação de produtos farmacêuticos, de sacos de anagem, de materiais de construção e de alimento rico de proteínas, para o gado.

Do amido extraído da batata está se fabricando excelente laca e outras substâncias apropriadas para proteger os rolagens de aviões e dos tanques contra a ação do tempo, durante o seu transporte por mar. Da espiga de milho e da casca do amendoim, depois de pulverizadas, se obtém um vantajoso elemento para a limpeza de válvulas, de bombas, de pistões e outras peças de maquinismos, assim como das próprias máquinas nas fábricas.

Essas e dezenas de novas aplicações industriais de produtos agrários e de refugo são o resultado de um intenso processo de pesquisas realizado nos laboratórios do Departamento da Agricultura dos Estados

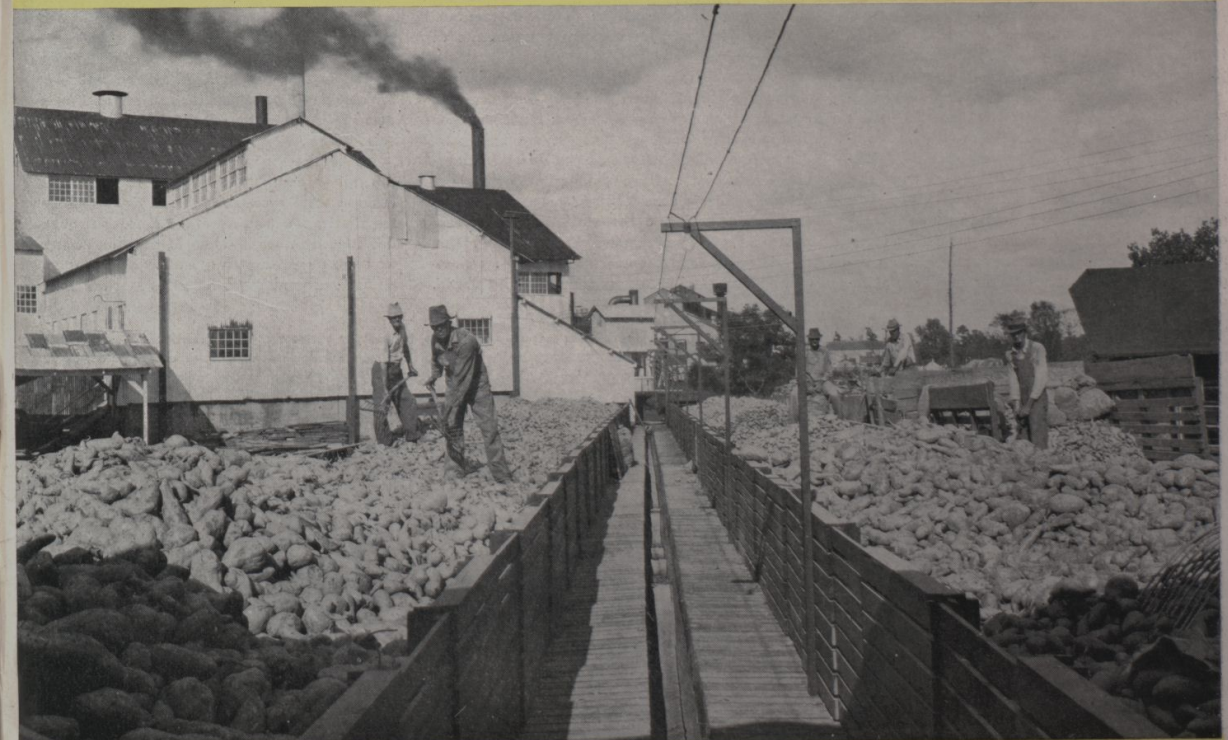
Unidos. Além dessas aplicações imediatas, as pesquisas estão servindo para melhorar os métodos de fabricar, de preparar, e de embarcar alimentos e outros produtos.

Foi nesses laboratórios que se aperfeiçoou o melhor método de desidratar e comprimir os alimentos, para economizar o maior espaço possível, a bordo dos cargueiros que os transportam para as tropas dos Estados Unidos e para as Nações Unidas. Os laboratórios também vieram aumentar, com suas pesquisas, para quantidades que representam centenas de vezes mais, a produção da pólvora sem fumaça, ao mesmo tempo que estabeleceram as bases para a produção em massa da penicilina, a droga maravilhosa, e encontraram substitutos para numerosos materiais escassos. Desta maneira, as Nações Unidas têm aumentado a quantidade e a eficiência do seu equipamento de guerra, e melhorado consideravelmente a produção industrial essencial para o consumo civil.

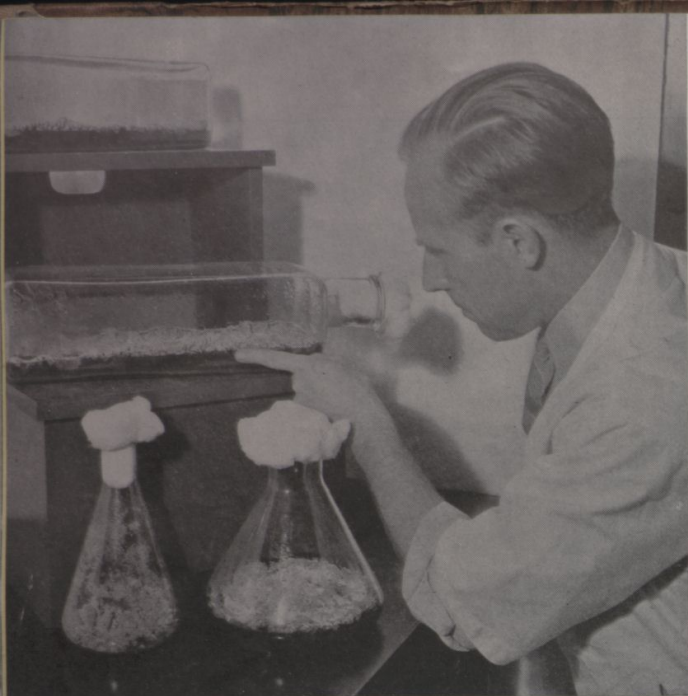
Estimulados pelas necessidades da guerra, numerosos laboratórios das indústrias particulares têm chegado à descoberta de novas técnicas de trabalho e de novos pro-



Lavando repêlos antes de se proceder à sua desidratação, num dos laboratórios da Califórnia. Os produtos desidratados economizam espaço a bordo



Graças às constantes experiências feitas nos laboratórios, estas batatas doces serão transformadas em dextrina e em resinas amidicas de várias qualidades



**O microbiologista** Dr. A. J. Meyer, aponta para uma espessa camada de "penicillium notatum", da qual se extrai a penicilina, o valioso agente anti-infeccioso



**O Dr. S. I. Aronovsky** mostra o pó que entra na composição de materiais plásticos, extraído do refugo agrícola. Na mesa ao lado vêem-se vários produtos plásticos

dados. Os laboratórios do governo dos Estados Unidos, nos quais os cientistas estão resolvendo muitos dos difíceis problemas de abastecimentos das necessidades militares e civis, foram criados por lei do Congresso, em 1938, com o fim de investigar sobre novos usos e aplicações do excesso da produção agrícola. Foram então construídos quatro laboratórios regionais de pesquisas, em diferentes pontos do país. Desde logo passaram a dar toda atenção aos produtos mais comuns, o trigo, o milho, a maçã e outros. Quando o país entrou na guerra e os produtos da lavoura começaram a escassear, o trabalho desses laboratórios se concentrou principalmente nas aplicações de imediata ligação bélica.

Nos primeiros meses das hostilidades, os japoneses se apoderaram das fontes de alguns materiais essenciais usados nas indústrias dos Estados Unidos. Outros materiais se tornaram difíceis de importar, por causa da crise do transporte marítimo, sendo ainda que muitas outras matérias primas passaram a rarear quando a indústria norte-americana começou a fabricar munições em quantidades colossais para as forças dos Estados Unidos e das nações aliadas. Tais problemas ficaram, pois, inteiramente entregues aos laboratórios oficiais, para serem resolvidos. E, verdadeiramente, um trabalho de pioneiros. Quando o Japão ocupou as Índias Orientais Holandesas, cessou para os Estados Unidos, a fonte que abastecia a sua indústria siderúrgica com um óleo de palmeira especial, empregado no tratamento de chapas de aço. Os laboratórios descobriram idêntica aplicação para o óleo de algodão, que passou a servir de substituto. Mas esse óleo, quando armazenado em lugares úmidos, perdia algumas de suas propriedades. Os laboratórios resolveram também esse problema, através de um tratamento de gás amoníaco.

Ao expandir-se a produção de altos explosivos, verificou-se que não havia glicerina, o elemento essencial, em quantidades suficientes. Suplementando o programa nacional de coleta de gorduras, de todas as fontes domésticas, os especialistas nos laboratórios fizeram análises químicas e físicas das gorduras animais, consideradas como as fontes principais da glicerina, e conseguiram produzir esse mesmo elemento, extraíndo-o do amido do milho, do trigo e da batata. Apesar dos resultados, o processo ainda está no período de experimentação.

Na fabricação da pólvora sem fumaça, havia também considerável carência do *linter* de algodão, usado geralmente. Os técnicos do laboratório regional do sul idearam a construção de uma máquina que facilita o uso do algodão de fibra mais longa, cortando-a nas dimensões desejadas, para ser o material, depois, purificado e tratado pelo nitrato, nas máquinas geralmente usadas para esse fim. Em cada um dos laboratórios regionais trabalham técnicos, homens e mulheres, especializados em todos os ramos da ciência, dispendo do mais completo e moderno equipamento, inclusive utilíssimos microscópios eletrônicos, com um poder de ampliação de 300.000 vezes. Os estabelecimentos são dotados de oficinas, de usinas elétricas e de uma grande e perfeita fábrica, além de mais de 70 salas de pesquisas. Em geral, os laboratórios se dedicam a análises e pesquisas de produtos agrários da região na qual estão instalados, cooperando com os estabelecimentos congêneres dos respectivos Estados regionais e das indústrias locais. Quando concluído um novo processo para o uso ou a fabricação de certos materiais, sua produção é feita nas fábricas modelos.

Em 1503, quase 250 anos antes de ter sido construído nos Estados Unidos o primeiro hospital digno desse nome, já os colonizadores espanhóis

tinham fundado um hospital no território onde é hoje a República Dominicana. Outro hospital foi edificado em Porto Rico em 1511, e, dez anos mais tarde, o Panamá teve o seu hospital. Acredita-se, porém, que o estabelecimento hospitalar mais antigo nas Américas foi fundado por Cortez, em 1524, na Cidade do México. E durante os séculos que se seguiram, quase todos os demais países do Hemisfério foram dotados de hospitais.

Do contrário do que se passa nos Estados Unidos, onde os hospitais, na maioria, são instituições particulares, nas outras Repúblicas Americanas esse serviço está a cargo quase que exclusivamente do governo, sendo que alguns são mantidos como organizações diretamente ligadas ao sistema do seguro social, que tem merecido grande atenção.

Preparando-se calmamente para um completo exame de garganta, pelo Dr. Juan Allwood Paredes, diretor da clínica de Santa Tecla, na República de El Salvador

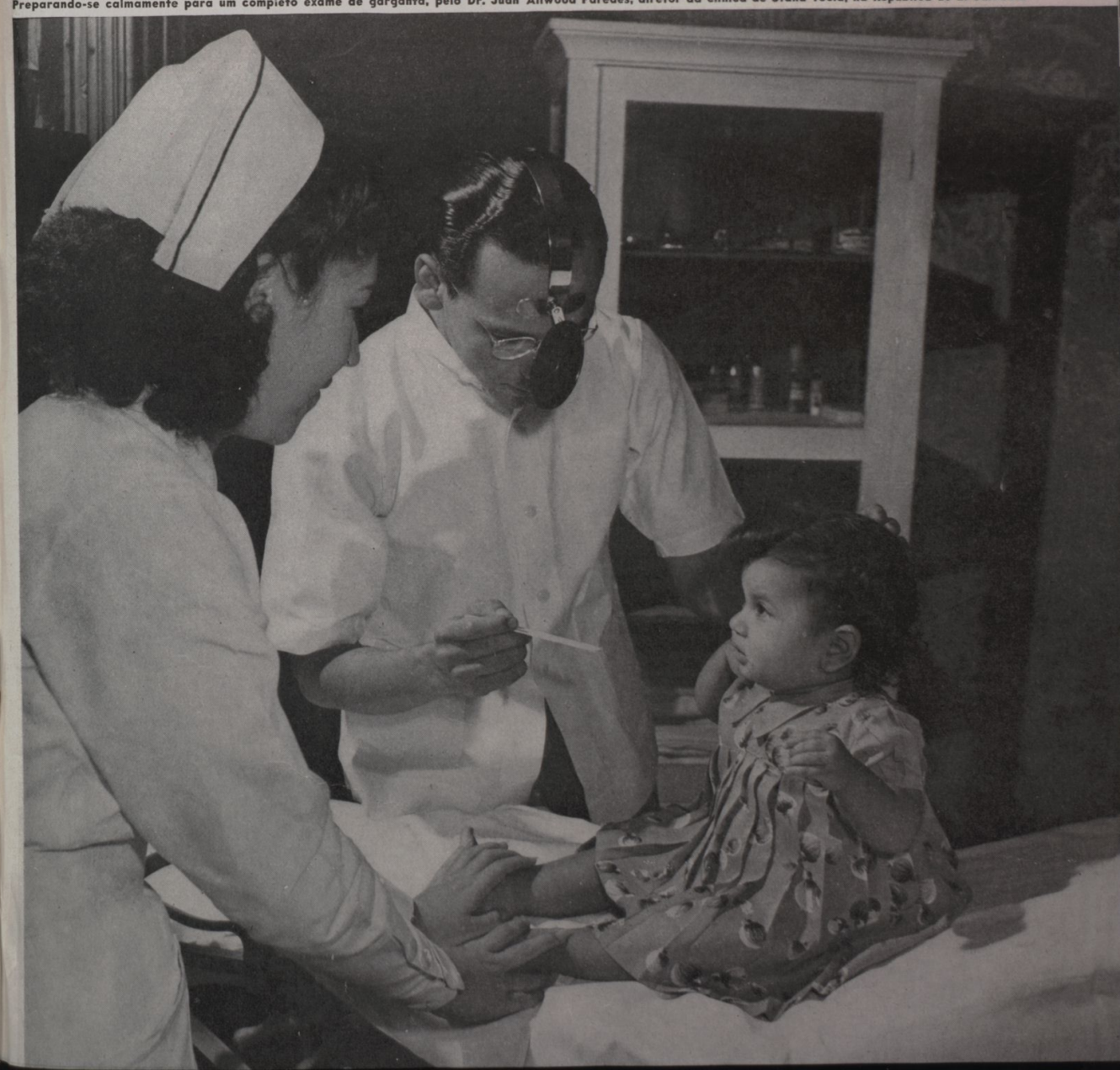
# A BATALHA DA SAÚDE

Não obstante o estabelecimento, desde longa data, dos primeiros hospitais no Hemisfério, tem sido geralmente reconhecida a necessidade de aumentar consideravelmente o seu número, em proporção com o crescimento da população.

Em 1940, a Argentina tinha, 741 hospitais, aproximadamente; a Bolívia, tinha 60; o Brasil, 1.300; o Chile, 186; a Colômbia, 300; Costa Rica, 17; Cuba, 96; a República Dominicana, 27; o Equador, 60; a Guatemala, 25; o Haiti, 16; Honduras, 14; o México, 300; a Nicarágua, 16; o Paraguai, 20; o Perú, 90; El Salvador, 26; o Uruguai, 84, e a Venezuela, 81.

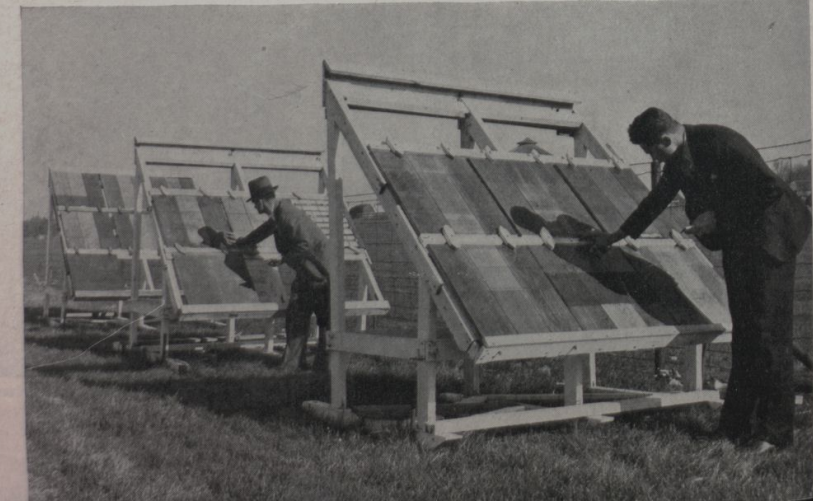
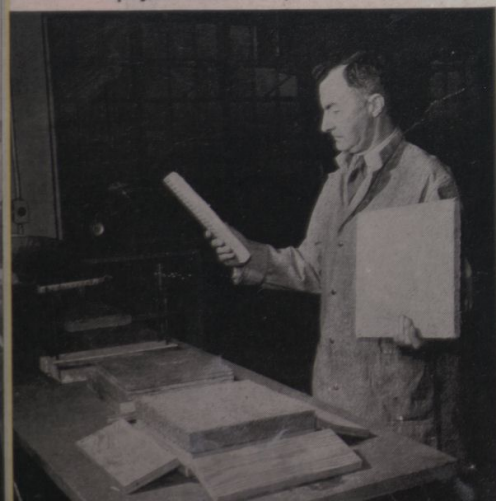
Em 1919, o Uruguai instituiu os benefícios de seguro da vida, da hospitalização e do amparo à velhice, aos operários, aos comerciantes e aos

Preparando-se calmamente para um completo exame de garganta, pelo Dr. Juan Allwood Paredes, diretor da clínica de Santa Tecla, na República de El Salvador



"Strawboard" é excelente material isolante, empregado também em paredes exteriores, de estuco

Verificando a grau de resistência oferecida à ação do tempo, por vários vernizes fabricados à base de óleo de feijão soja. As táboas envernizadas são examinadas depois de terem estado expostas à chuva, ao sol, ao calor e ao frio



### A BATALHA DA SAÚDE (Continuação)

empregados nos serviços públicos gerais de luz, de força e de tração. A Argentina garantiu benefícios similares aos ferroviários em 1919, e aos demais serviços públicos em 1921. O sistema chileno foi adotado em 1924, sendo o Chile o primeiro país a incluir garantias hospitalares às parturientes e a estender os demais benefícios a quase todos os trabalhadores.

O Equador e o Peru adotaram o seguro operário em 1935 e 1936, respectivamente. Muitos outros países já adotaram esse seguro, incluindo a parte referente à maternidade e à assistência médica.

Conquanto várias nações americanas já tivessem, muito antes de 1900, seus laboratórios bacteriológicos, seus institutos Pasteur e uma completa organização de combate à varíola, foi nessa época que muitas instituições científicas novas foram estabelecidas. Algumas delas se tornaram universalmente conhecidas, como os institutos de Butantan e o Oswaldo Cruz, do Brasil, o Instituto Bacteriológico da Argentina e o Instituto de Higiene do México. Dentre os novos hospitais, destaca-se o policlínico de Lima, no Peru, com 600 leitos, sendo o mais moderno no país. Em Buenos Aires foram inaugu-

rados o novo Hospital Militar e o novo hospital universitário, estando agora em projeto a construção de uma maternidade. O novo Hospital Militar de Havana, em Cuba, é considerado como uma instituição modelar, assim como os hospitais similares da Cidade do México e da República Dominicana. Em Caracas foram terminados recentemente uma maternidade, um hospital de crianças, um sanatório para tuberculosos, o Instituto do Cancer, um hospital para psiquiatras e o hospital da Cruz Vermelha. Em várias cidades do interior argentino está em projeto a construção de vários hospitais.

**TODAS** as grandes cidades das nações americanas contam com um núcleo de médicos competentes, alguns de reputação universal. No interior, naturalmente, a situação ainda se ressentia da falta de clínicos, mas o programa sanitário interamericano está resolvendo o problema.

Os jovens médicos, em toda a América, estão cada vez mais interessados no intercâmbio científico. Durante muitos anos, a Europa foi a fonte de conhecimentos auferidos em cursos de aperfeiçoamentos médico-cirúrgicos, mas desde o rompimento

da segunda guerra mundial, a tendência tem sido para fortalecer de todas as maneiras o contato entre os cientistas do próprio Hemisfério.

A guerra veio também estimular a educação médica e a técnica dos serviços profissionais. Por sua vez, o formidável desenvolvimento da produção industrial dos Estados Unidos aumentou o aproveitamento de numerosos materiais oriundos das várias nações americanas e que até então, ou estavam sendo fornecidos em pequena escala, ou careciam completamente de uma organização apropriada para fazer face ao crescente consumo. A intensificação dos trabalhos de mineração, de cultura e de experimentação de tais produtos concentrou numeros elevados de trabalhadores, às vezes, em regiões de precários recursos médicos-hospitalares. Daí a necessidade de atender a problemas sanitários locais, exigindo a participação de médicos, de especialistas, de bacteriologistas e de serviço de enfermagem, assim como de ambulatórios.

Um dos pontos relevantes tratados na Conferência dos Ministros de Exterior, em 1942, no Rio de Janeiro, foi a organização e intensificação de um serviço interamericano de saúde pública, sendo

então recomendado a execução de um programa de grande escopo para a mobilização dos variados recursos de que dispunham as Repúblicas Americanas. Ficou definitivamente estabelecido o princípio de ligação entre os trabalhos de saneamento e o desenvolvimento econômico do Hemisfério.

Desse ponto de partida tomou corpo o grande programa, de proporções sem precedentes na história da cooperação continental, destinado a encarar o problema de saneamento e de saúde pública em todos os seus aspectos, para uma pronta solução. Desde então, mais de cem hospitais, dispensários e outros estabelecimentos sanitários foram construídos ou estão em vias de construção em numerosas localidades do interior, onde está se ativando a produção de materiais estratégicos.

Na área do Amazonas, por exemplo, foram construídos 24 hospitais e dispensários, para atender às necessidades dos trabalhadores brasileiros, bolivianos, peruanos e colombianos que estão ativando a produção da borracha. O primeiro hospital a ser construído foi o de Santarém, no Pará, com 50 leitos, achando-se quase completo outro hospital, em Breves. Em Belém e em Manaus serão cons-

truídos também hospitais. Na remota vila de Tingo Maria, nas escarpas do leste andino, no Peru, já está funcionando o hospital recentemente construído, do mesmo tipo adotado nos países situados na mesma região. No extremo ocidental da nova rodovia transandina, outro hospital foi construído, em Pucallpa. Ao norte, em Iquitos, seis dispensários e dois pequenos hospitais estão em vias de conclusão. A Colômbia terá um hospital e um dispensário, e a Bolívia, dois hospitais e seis dispensários, dotados das mais modernas instalações.

**P**ARA extrair da fértil região do Amazonas não somente a valiosa borracha, mas também os óleos vegetais, e tantos outros produtos que entram na composição de inseticidas, de medicamentos, etc., é necessário melhorar drasticamente as condições sanitárias locais, na zona tropical e na sub-tropical, combatendo sobretudo os efeitos devastadores da malária. Essa tarefa, tal como a que se refere à profilaxia das demais doenças contagiosas, exige uma ação conjunta nacional e internacional. É isso o que está se verificando na bacia do Amazonas, com a participação de todos os

países cujos territórios são banhados pelo rio-mar e seus afluentes. Postos de controle da malária foram estabelecidos, com uma organização completa dos recursos mais modernos para a extinção dos focos de mosquitos transmissores, além dos trabalhos de drenagem nos pontos mais urgentes e da preparação do pessoal encarregado de manter sem solução de continuidade o serviço de saúde.

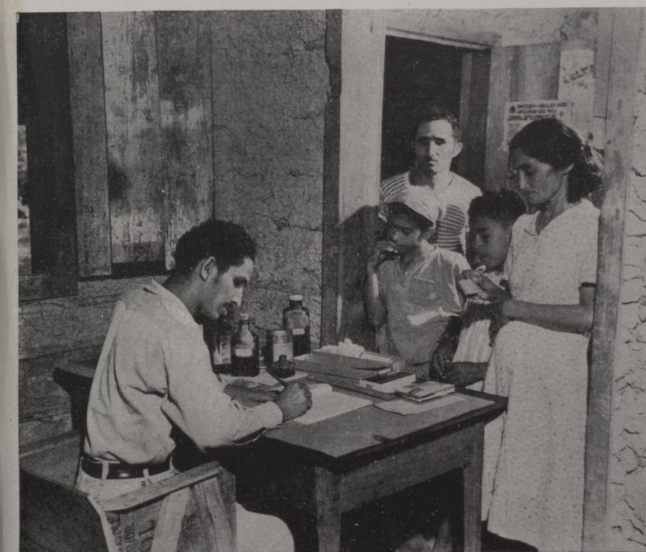
A educação entra como um dos fatores essenciais nessa batalha da saúde. Desde os encarregados do combate direto ao mosquito, pela extinção dos seus focos, até as enfermeiras, os médicos e demais participantes na campanha de profilaxia e no tratamento dos impaludados, já estão identificados com as responsabilidades que lhes competem, facilitando assim a movimentação de milhares de trabalhadores nas áreas onde se encontram os produtos mais necessários.

A divulgação de ensinamentos está sendo intensificada por todos os meios, pelo rádio, pela imprensa e pelos serviços especiais de assistência social, concentrando-se principalmente nas escolas públicas, onde as crianças estão se familiarizando com os princípios essenciais de higiene e de alimentação.

**Sob** os cuidados de prestimosas assistentes, esta criança, vítima da paralisia infantil, submete-se ao rigoroso tratamento de massagens, dentro d'água, no moderno Hospital de Crianças, na Cidade do México. Esse método de tratamento na piscina do hospital constitui uma das etapas de grandes resultados para o restabelecimento das funções musculares



**Numa** clínica perto da cidade de Santarém, no Pará. Vinte e quatro hospitais e dispensários foram instalados na vasta zona da borracha, no Brasil, na Bolívia, no Peru e na Colômbia



**Vários** ambulatórios a cargo do Serviço Rural da Divisão do Programa de Segurança Nacional, no Peru, atendem às necessidades médicas dos trabalhadores



**A Sra. Agnes Waddell Chagas** dando uma aula de higiene no hospital do Instituto Evandro Chagas, em Belém, como parte do programa interamericano de saúde





Um antigo navio fluvial no Mississipi, perto de Nova Orleans. Hoje o transporte é feito em navios menores



Mount Vernon—a bela mansão que foi residência de George Washington, primeiro presidente dos EE. UU., e em cujo terreno ele está sepultado. Fica a dez quilômetros da cidade de Washington, nas margens do Potomac



O fumo é o segundo maior produto do sul. Este ano, mais de 30.000 toneladas de fumo estão sendo usadas na fabricação de inseticidas

## OS ESTADOS DO SUL

“O SUL dos Estados Unidos é uma região de infinita variedade e de contrastes extremos, que impressionam tanto quanto a própria grandeza da terra. Meia hora de automóvel liga alguns desses flagrantes contrastes—entre a beleza simples do campo e o mau aspecto das habitações pobres, superlotadas; entre a indústria e as plantações e a vila primitiva, acanhada e alquebrada, em terra exausta; entre os rios vermelhos do barro que se esvai dos barrancos e os negros pachorrentos—enfim, o contraste entre um povo pobre, mas forte, e uma terra cançada, mas bela.”



Estas palavras, da pena eloquente de um dos melhores escritores regionais da nova geração, Jonathan Daniels, filho do antigo embaixador dos Estados Unidos no México, resume uma área de treze Estados, quase a quinta parte do território dos Estados Unidos, com uma população de mais de trinta milhões de habitantes. Mais do que qualquer outra região do país, o sul talvez represente as aspirações e os problemas, os feitos e os sofrimentos de todas as Américas. As grandes distâncias e os grandes recursos, os contrastes entre a opulência e a pobreza, suas belas e honrosas tradições e os



Um belo carvalho, perto de Charleston, na Carolina do Sul. Fundada em 1670, Charleston já foi a maior cidade do sul. Foi aí que irrompeu a guerra civil



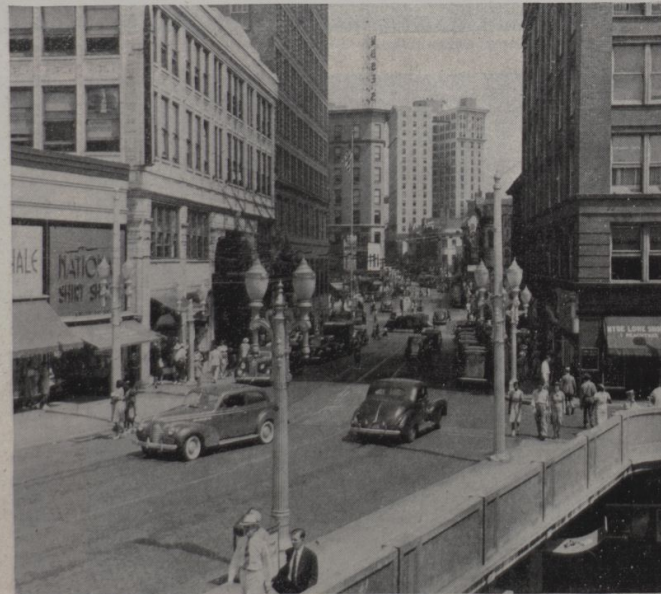
No antigo Breakers Hotel, em Palm Beach, Florida, onde muitos hotéis e pontos de verão de grande popularidade estão transformados em hospitais para os combatentes



A Place d'Armes, em Nova Orleans. Ao fundo, a catedral de São Luiz, construída em 1718. Nova Orleans foi a primeira colônia fundada no vale do Mississippi



A Escola Naval, fundada em 1845, na cidade de Anápolis, capital do Estado de Maryland. Muitos oficiais das outras Repúblicas Americanas aí têm estudado



Vista de Peachtree Street, a artéria principal da histórica cidade de Atlanta, capital do Estado de Georgia, e um dos centros comerciais mais ativos e mais modernos do sul dos EE. UU.

#### (Continuação)

esforços para alcançar o seu progresso — são bem características do Hemisfério inteiro. Cada região dos Estados Unidos tem seus próprios problemas. As conquistas feitas durante o processo da sua solução constituem, para a nação, o melhor exemplo da democracia em marcha. No sul, por exemplo, o fumo e o algodão eram, até recentemente, a base da sua economia. Como em todos os países onde predomina a monocultura, houve as belas mansões senhoriais e os grandes latifúndios, de par com uma vida de todo pitoresca, mas, ao mesmo tempo, a terra se exauria, muita gente continuava na miséria, pouco se avançava em matéria de saúde e de ensino e os problemas econômicos aumentavam.

**N**AO obstante, há muitos anos que forças construtivas, geradas na própria região têm contribuído bastante para melhorar as condições de vida no sul. O algodão e o fumo não são mais as únicas culturas da região; ali também se cultiva o amendoim e o feijão soja, valiosas fontes de alimentação e de óleos; as frutas, os legumes e os cereais para a sua própria subsistência; cria-se o gado vacum e o suíno e os galináceos, e os laticínios já são uma indústria bastante desenvolvida. E' assim que tem melhorado consideravelmente a situação de milhões de habitantes nesses três Estados, que, apesar de conterem menos de uma quarta parte da população dos Estados Unidos, têm mais de um terço das fazendas do país, ou sejam, 2.400.000 dentre um total calculado em mais de 6.000.000.

A industrialização está se operando mais depressa do que o progresso agrário. As necessidades impostas pela guerra mobilizaram os recursos do sul, de homens e de materias. Há vários anos que se desenvolveu na região a grande indústria têxtil e a indústria extrativa do carvão, do minério de ferro e da cal, nas imediações da cidade de Birmingham, no Estado de Alabama. Ainda por causa da guerra, os gigantescos estaleiros de construção naval em Mobile e em Nova Orleans estão aumentando a população de antigas cidades; outros estaleiros, quasi das mesmas proporções, estão transformando em grande centros de atividade pequenas cidades retar-

datárias, como Panamá City, na Florida, e Pasca-goula, no Mississippi. Fábricas de aeroplanos, de cartuchos e de produtos químicos têm surgido em numerosos campos onde antes se cultivava algodão e fumo.

Aqueles que estão se beneficiando com essa rápida transição, constituem um núcleo de população de aspectos tão variados quanto os da própria região. Há os robustos e pacientes trabalhadores das minas, dos cotonifícios e das plantações; há aqueles que representam a vida rústica e tradicional das montanhas da Virgínia, de Kentucky e do Tennessee, homens de sã filosofia, que seguem uma norma de existência que em muito se assemelha à dos seus antepassados, os pioneiros de há dois séculos; outros são os remanescentes da antiga "aristocracia senhorial" de tempos idos, composta de senhores de escravos, homens de rígidos princípios e de franca hospitalidade. De um deles, do Estado de Georgia, se conta que, justificando a sua oposição à construção de um hotel para o turista, declarou: "Se ele fôr um cavalheiro, eu o hospedo; mas se não fôr, será posto fóra da cidade!" Há ainda os hábeis edificadores das novas indústrias e os modestos professores e professoras espalhados pela região, homens e mulheres que têm mantido continuamente as belas tradições literárias nas quais se destacam um Edgar Poe, um Sidney Lanier, um Jefferson ou um Madison. Há também os da velha tradição francesa, em Louisiana, joviais na sua pobreza, cílios dos seus preceitos culinários e dos seus pitorescos costumes, frutos de uma civilização muito mais antiga e mais simples que a nossa; os índios Seminole, e os negros das ilhas do litoral.

**P**ARA todos êsses, as escolas, seus parques, seus museus e festivais, assim como sua literatura e a sua música são causas de muito maior orgulho do que o louvável progresso por êles alcançado na indústria ou na agricultura. A Universidade de Virgínia, fundada por Jefferson, ou a Universidade de Johns Hopkins, em Baltimore, onde novos métodos educacionais foram iniciados e onde o ensino médico tem alcançado ainda maiores glórias, signi-

ficam mais do que a maior fábrica de cigarros da Carolina do Norte. As academias de Tuskegee e de Fisk, centros de ensino superior para os negros; as relíquias nacionais de Mount Vernon e de Monticello, onde viveram Washington e Jefferson; a elevada apreciação em que são tidos jornais como "The Atlanta Constitution" e o "New Orleans Times Picayune" significam mais do que a magnífico aeródromo de Miami ou os excelentes hotéis de Palm Beach. E é exatamente por serem os sulistas tais como são, que Nova Orleans tem os maiores festejos carnavalescos dos Estados Unidos, que os prados de corridas mais populares são os de Kentucky e que o festival mais expressivo é o do Algodão.

**O**S sulistas bem se lembram que sua terra foi a primeira a ser colonizada pelos europeus — sendo a primeira colônia a de Santo Agostinho, na Florida, fundada em 1565. Ao tempo em que foram estabelecidas as primeiras colônias na região que é agora a parte norte dos Estados Unidos, cinquenta anos depois, Santo Agostinho já era uma avançada localidade, com 300 casas, um forte e uma igreja. Até mesmo as primeiras colônias inglesas se estabeleceram no sul e o primeiro centro cosmopolita foi Nova Orleans, que, com o seu passado francês e espanhol, é a cidade dos Estados Unidos onde os visitantes, vindos das outras Repúblicas Americanas, mais se sentem à vontade. Mobile hoje se orgulha de ter estado sob cinco bandeiras — a da Espanha, a da França, a da Inglaterra, a dos Estados Unidos e a dos Estados Confederados da América.

A última bandeira, à qual a maioria dos Estados do sul se declarou leal durante quatro anos e pela qual êsses Estados lutaram tão galhardamente numa guerra civil devastadora, tornou-se, por um desses paradoxos da história, como que um símbolo da presente unidade dos Estados Unidos. De 1861 a 1865, o sul lutou contra a União dos Estados porque se opunha ao método de encerrar a questão dos escravos. A Confederação foi vencida e os escravos foram libertados, ficando, porém, desde então, mais bem definidas as relações políticas entre os Esta-



Milhares de turistas, todos os anos, visitam a histórica cidade de Williamsburg, agora restaurada, no Estado de Virgínia. Vê-se na gravura o antigo palácio dos governadores coloniais ingleses. Para restaurar no seu antigo aspecto colonial a cidade que foi a capital da colônia da Virgínia, várias casas e edifícios tiveram que ser demolidos e reconstruídos

**(Continuação)**

dos e o govêrno federal. Mas hoje, a união tem sido tão perfeita que os chefes da rebelião são considerados quasi como heróis nacionais. Os nortistas enaltecem as qualidades militares e o caráter de Robert E. Lee, o grande estrategista dos confederados, como se tivesse sido um dos seus próprios generais, em vez de ser o comandante que, por tantas vèzes, derrotou os seus antepassados nortistas. O hino sulista "Dixie" provoca o mesmo entusiasmo em Boston como em Richmond, a cidade que foi a capital da Confederação.

O sul custou a se refazer da devastação da guerra, da amargura da derrota militar e da confusão decorrente do seu reajustamento às novas condições. Mas durante os longos anos dêsse reajustamento, seu povo pôde encontrar ânimo e coragem no seu próprio passado, rico das mais brilhantes tradições. Lembravam-se os sulistas de que Washington, que tinha alcançado a independência da sua pátria, era um dos seus; assim também Jefferson, autor da Declaração da Independência e da Declaração de Direitos; Madison, o autor principal da Constituição; John Marshall, o maior juriconsulto da nação e o maior intérprete da Constituição; Andrew Jackson, denodado defensor da Carta Mágnã; Henry Clay, o grande expoente do reconhecimento do govêrno das nove Repúblicas Americanas e um dos primeiros herdeiros dos ideais de Bolívar sobre a solidariedade continental. Os sulistas também se recordavam dos tempos de grandeza comercial dos seus portos, quando Nova Orleans atraía todo o mo-

vimento do vale do Mississippi, e quando o comércio que se canalizava por Charlestown, Mobile e Norfolk era quasi tão volumoso quanto o de Nova York e de Filadélfia. Lembravam-se do esplendor da sua arquitetura, do saber dos seus homens de cultura.

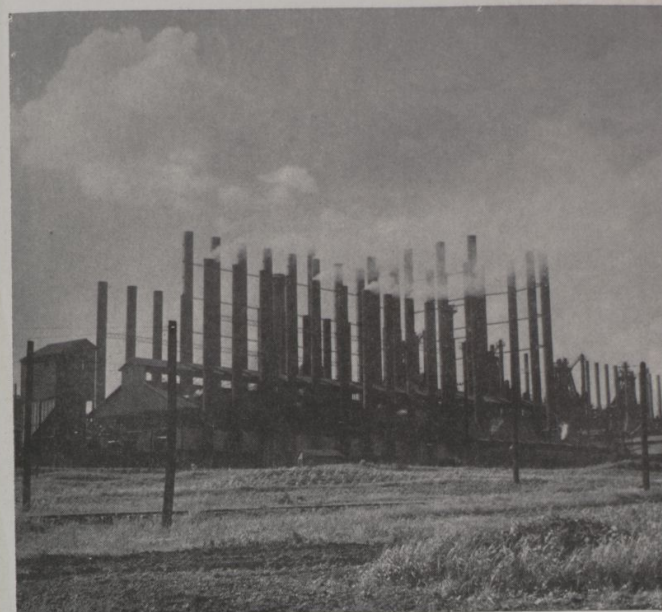
O SUL nunca se esqueceu disso. Mas, à medida que foram desaparecendo as cicatrizes, seu povo começou a adicionar novos feitos aos dos ilustres filhos da grande terra, dentre os quais se encontram os fundadores da própria República. De grande signifição, na série de novos empreendimentos, tem sido a maneira de encarar a situação racial com a qual se confrontava a região antes da guerra civil, quando então todos os seus escravos eram negros e todos os homens livres eram brancos, fosse qual fosse a sua pobreza. O progresso feito nêsse sentido pode ser realçado pelo fato de existir, cada vez mais definitivamente, um desejo articulado de ambas as raças para uma cooperação útil e construtiva. Como exemplo característico dêsse interesse mútuo há a reunião de proeminentes homens de cor, realizada no Estado de Carolina do Norte, em Outubro de 1942, com o fim de formular as aspirações da raça no campo da educação, do seguro social, das liberdades civis, do trabalho, etc. Correspondendo aos intuítos da reunião, numerosos cidadãos brancos de destaque na vida do sul reuniram-se em Abril de 1943, e não somente aceitaram os princípios enunciados nas aspirações dos negros, como também se manifestaram interessados por

uma maior cooperação interracial. Dois meses mais tarde, delegados de ambos os grupos se reuniram para fazer uma declaração conjunta e desde então, várias comissões mixtas têm estado agindo no programa de cooperação.

Um dos maiores fatores para a modernização do sul estão sendo os trabalhos de captação das águas no vale do rio Tennessee, sob a direção da Tennessee Valley Authority. As águas do rio, numa extensão de mais de 900 quilômetros, foram captadas numa série de represas, para o seu aproveitamento hidro-elétrico, facilitando força motriz para novas fábricas, para as fazendas e para milhares de habitações, além de proporcionar a irrigação sistematizada de vastas terras agrárias e controlar as enchentes numa área de sete milhões de habitantes.

Vários dos enormes campos de preparação militar estão localizados nos Estados do sul, pela conveniência do clima, e milhões de jovens sulistas estão servindo nas forças armadas, tal como fizeram durante a primeira guerra mundial. A unidade da nação na guerra serve para ilustrar a profunda similaridade básica que predomina em todos os quadrantes dos Estados Unidos. Cidadãos de todas as partes — do norte, do sul, do este e do oeste — alimentam o mais elevado conceito da liberdade sob a qual têm progredido, de acôrdo com as suas próprias aspirações individuais. E bem sabem que, para preservar essa liberdade na sua própria pátria, faz-se mister lutar nas frentes de batalha do mundo pelo direito de subsistência da democracia.

O algodão foi outrora a única cultura em muitas regiões do sul. Agora, conquanto o ainda seja o produto predominante, a policultura tem sido muito intensificada



As usinas de aço Enslv, de Birmingham, Alabama, um dos grandes centros industriais do sul dos Estados Unidos. O carvão, o minério de ferro e a cal são extraídos de várias jazidas próximas



Navios cargueiros em vias de conclusão em Newport News, no Estado de Virgínia. Outros grandes estaleiros são os de Mobile e o de Nova Orleans

Na gravura em baixo vemos as grandes obras de aproveitamento das águas, no vale do Tennessee, fator essencial na grande industrialização que se opera no sul



# OPERAÇÕES DE CONJUNTO



Fuzileiras navais dos Estados Unidos, em barcos de assalto, zigzagueiam com rumo à praia da ilha de Engebi, num dos seus recentes ataques no Pacífico

Aproximava-se a hora H para o assalto contra uma posição dos japoneses, numa das praias insulares do Pacífico. A aviação já tinha arrasado com explosivos a zona do litoral e as instalações militares do inimigo. Ao largo, a artilharia dos navios da esquadra "limpava" os pontos estratégicos apropriados ao desembarque, e também as posições inimigas mais à retaguarda.

De repente, cessou todo aquele tremendo bombardeio. A bordo dos transportes atropetados de tropas ouviu-se a ordem de arriar as chatas de desembarque. Soldados e fuzileiros precipitaram-se para as amuradas, descendo rapidamente pelas grandes rédes de corda para as embarcações que, uma vez com a lotação completa, se faziam imediatamente ao largo, rumo à praia. Era o começo da invasão.

Semanas de intensa e detalhada preparação precederam êsse ansiado momento. É um trabalho de conjunto que requer extrema habilidade e perfeita coordenação de todos os comandantes, das forças de cobertura, das forças anfíbias e das tropas de assalto, propriamente. Do bom êxito dessas operações de conjunto dependem, naturalmente, os ataques contra o império insular japonês e contra a chamada "fortaleza alemã" na Europa, por isso que todos os seus pontos de contato têm que ser alcançados por mar.

A primeira demonstração, no Pacífico, desse gênero de guerra, no qual entraram em ação todas as formas de combate, foi a que se verificou nos primeiros três meses deste ano, quando as forças americanas capturaram as ilhas Gilberts, bombardearam

ram a base de Truk, tomaram as ilhas de Eniwetok, Kwajalein e outras ilhotas de coral do grupo das ilhas Marshall, e invadiram as ilhas do Almirantado.

Aliás, essa tática de invasão já tinha sido demonstrada muito bem pelos aliados, tanto na sua longa travessia para ocupar o norte da África, como na campanha do Mediterrâneo, quando capturaram a ilha Sicília e atravessaram depois o canal, para ocupar o sul da península italiana.

O plano das operações combinadas para os ataques aéreos, marítimos e terrestres baseia-se no mesmo princípio. Por exemplo, na séde do quartel-general do almirante Chester W. Nimitz, comandante-em-chefe da esquadra do Pacífico, reúne-se uma junta estratégica, composta de oficiais que estão a milhares de milhas da zona de combate no

Pacífico central. O mesmo acontece no quartel-general do general MacArthur, no sudoeste do Pacífico, ponto vital da grande contra-ofensiva. Das juntas fazem parte o comandante das forças de proteção, compostas de unidades da esquadra, couraçados, porta-aviões, cruzadores e destróiers; o comandante das forças anfíbias, que dirige os transportes e as chatas de desembarque, e o comandante das tropas de assalto, a cargo da preparação preliminar, do equipamento e dos detalhes táticos e estratégicos no local do ataque.

A junta estuda minuciosamente todos os planos, mapas e fotografias dos objetivos em vista. E, sempre que possível, como no caso da ilha de Makin, informações complementares são colhidas pelas tropas de reconhecimento, especialmente trei-

nadas para êsse fim. As ordens relativas às operações enchem centenas de páginas. Milhares de itens de material bélico são requisitados, variando desde os canhões de 155mm. até os pequenos estojos de primeiros socorros. As tropas exercitam-se no embarque e no desembarque nos transportes e nas chatas, servindo-se das rédes de corda. Adquirem tal agilidade que são capazes de repetir a operação eficientemente em plena escuridão da noite. Fazem ataques simulados contra barricadas de arame farpado e contra pequenas fortificações e posições de metralhadoras.

Chega finalmente o momento de agir. A esquadra invasora está a postos. De uma das bases navais, várias unidades levantam ferro, rumo ao norte. De outra base, mais navios dirigem-se ao leste. Trans-

portes surgem em vários outros portos, para levar equipamento, abastecimentos e tropas, fazendo-se ao largo logo que completam o carregamento. Do norte, do sul e do êste convergem os navios para um encontro em determinado ponto. Cada minuto é essencial. As pequenas unidades auxiliares da esquadra, como os navios petroleiros, de marcha vagarosa, seguem com bastante antecedência, para abastecer, em pontos convenientes, os couraçados, os cruzadores e os destróiers. Ao longe, no horizonte, despontam os porta-aviões e os navios de combate. A aviação permanece em constante vigilância sobre todas as unidades da esquadra, observando, ao mesmo tempo, qualquer movimento de navios ou de aviões inimigos. No local selecionado, de conformidade com os planos, a esquadra



Um comboio aliado, conduzindo vários abastecimentos para a invasão, segue sob a proteção de bombardeiros dos Estados Unidos, de um dos navios porta-aviões

O General Douglas MacArthur (à esquerda), com o Ten.-Gen. W. Krueger e o Vice-Almirante T. Kincaid. O Gen. MacArthur dirigiu pessoalmente o ataque na invasão da ilha de Los Negros



O Almirante C. W. Nimitz, com uma espada japonesa. Presentes estão o Cte. J. M. Haines, o Tte.-Cel. E. F. Carlson, e o Tte.-Gen. D. C. Emmons



Da ponte de comando do seu navio capitânea, o Contra-Almirante Marc A. Mitscher dirige o ataque da numerosa força naval que ocupou as ilhas Marianas



O Maj.-Gen. H. M. Smith, à esquerda, da Infantaria de Marinha, e o Maj.-Gen. C. N. Corlett, comandante da divisão do Exército, durante a invasão da ilha de Kwajalein



### (Continuação)

aproxima-se do litoral e, sem mais delonga, rompe o fogo das suas possantes baterias. É um bombardeio infernal que pode durar mais de 24 horas seguidas e cujo propósito é destruir as fortificações do inimigo, seus depósitos e sua própria tropa.

Na invasão das ilhas de Kwajalein, do grupo das ilhas Marshall, 36 horas antes do ataque final feito pelos aviões, já a esquadra tinha bombardeado e incendiado os redutos do inimigo. Depois do primeiro dia do ataque, não havia mais um simples avião japonês no ar. Os aviadores dos Estados Unidos destruíram onze pistas situadas em Kwajalein e noutras ilhas de coral, nas quais o inimigo perdeu, em terra, numerosos aviões. E os que tentaram se opor ao ataque, no ar, foram abatidos.

**N**OS transportes, as tropas aguardavam ansiosamente a ordem de desembarcar. E quando foi dada a ordem, os destróiers já estavam a postos para escoltar as chatas até a praia. Se, como no caso do assalto contra a ilha de Tarawa, ainda restam remanescentes das defesas do inimigo, e o vento agita o mar no local do desembarque, as tropas têm que saltar, com água pela cintura, e avançar pelos recifes de coral, sob o fogo do inimigo. Mas, uma vez em terra firme, cada soldado tem sua missão já designada. Os primeiros a chegarem espalham-se pela praia, atacando as primeiras linhas de defesa do inimigo e protegendo as demais forças atacantes, que continuam a desembarcar. Companhias de morteiros e de metralhadoras acompanham os primeiros assaltantes, estabelecendo imediatamente seus pontos de apoio. Logo que se efetua o desembarque de um considerável número de tropas, ficam feitas as comunicações diretas com os navios, sendo então desembarcados os morteiros pesados e os canhões de 155mm. Enquanto isso, o inimigo continua, naturalmente, a oferecer toda resistência. Do seu posto de comando, ao largo, o general de divisão aguarda as informações dos sinaleiros, sobre a marcha da batalha. Verifica onde é mais urgente a necessidade de reforços e dá suas ordens ao comandante das tropas de assalto e ao comandante das forças de cobertura.

Na invasão de Eniwetok, uma das mais importantes ilhas de coral do grupo das ilhas Marshall, as forças navais e aéreas atacaram primeiro a base japonesa de Truk, situada a menos de 700 milhas a oeste, destruindo aviões e navios que pudessem ir em socorro dos defensores de Eniwetok. Outros

ataques com o mesmo objetivo foram feitos contra a ilha de Wake, ao norte, e contra a ilha de Ponape. De acordo com a estratégia das operações combinadas, o vice-almirante Raymond A. Spruance ficou a cargo do ataque contra a base de Truk. Na hora convencionada, as forças invasoras, chefiadas pelo contra-almirante Richmond Kelly Turner, prosseguiram contra a ilha de Eniwetok, enquanto a base de Truk era atacada violentamente. As forças anfíbias eram comandadas pelo contra-almirante H. W. Hill e as tropas de assalto pelo general de brigada Thomas E. Watson, do Corpo de Infantaria de Marinha.

Foi tão eficiente a coordenação dos vários ataques, que os defensores da ilha de Eniwetok foram aniquilados em cinco dias de combate. Uma contribuição de grande valor para essa tática de coordenação é o trabalho dos "Scabees", a tropa da Marinha que se especializa em construção. É composta de homens mais idosos do que os das tropas de assalto, mas são todos artífices, cuja função é acompanhar as tropas invasoras e construir imediatamente as pontes, as docas, os alojamentos, os hospitais de sangue e as estradas indispensáveis às operações de guerra. Nas ilhas Marshall trabalharam sob uma chuva torrencial durante a construção de um aeródromo, terminando-o em quatro dias.

**O** EXITO da invasão das ilhas do Almirantado pelas forças do general MacArthur foi alcançado graças à cuidadosa planificação feita sob o mesmo princípio de operações combinadas. A aviação e a esquadra atacaram primeiramente a ilha de Los Negros. Depois, as tropas de assalto capturaram o aeródromo local e, com a chegada de mais reforços, ocuparam a ilha toda. Dentro de 18 dias, depois da queda da ilha de Los Negros, as forças do general MacArthur, empregando a mesma tática, estavam na posse das ilhas mais importante do arquipélago do Almirantado.

Os excelentes resultados da técnica das operações combinadas representam um grande contraste com as operações levadas a efeito nos primeiros tempos da guerra, quando os fuzileiros navais dos Estados Unidos começaram a derrotar as forças japonesas na ilha de Guadalcanal, no arquipélago de Salomão. Sem a proteção de couraçados e cruzadores, e sem a "pulverização" preliminar feita por centenas de aviões, ou sem contar mesmo com a garantia de rápidos abastecimentos, os fuzileiros atacaram os

redutos fortificados dos japoneses em Guadalcanal e conseguiram manter suas posições. Mas durante muitos dias, o resultado permaneceu na dúvida.

Antes de completar um ano, entretanto, a produção bélica dos Estados Unidos tinha posto à disposição do general MacArthur navios, aviões e armamentos de todos os tipos, para os grandes assaltos anfíbios. O tenente-coronel Alan Shapley, dirigindo-se às tropas de fuzileiros navais, antes da invasão da ilha de Bougainville, o último reduto dos japoneses nas ilhas de Salomão, em 1 de Novembro de 1943, assim acentuou a importância das operações:

“**N**AO estamos mais no tempo dos segredos. Assim, antes de atacarmos, cada soldado saberá o que vai fazer e o que os outros vão fazer. É assim que deve ser, porque é assim que nós, americanos, costumamos fazer as coisas.” E depois de divulgar a hora marcada para o ataque e a praia na qual o mesmo se realizaria, continuou:

“Vamos atacar e tomar a praia, dando cabo de quanto japonês que aparecer. Vamos ampliar a nossa cabeça de ponte. E depois, vamos sustentar as nossas posições, custe o que custar, enquanto se faz a construção urgente de tudo quanto forms precisar. Outros conjuntos de forças vão desembarcar e atacar ao mesmo tempo. Haverá fuzileiros por todos os lados e, depois de quatro dias do nosso desembarque, chegarão mais reforços. Até no ar haverá aviões dos fuzileiros navais. Depois então, chegarão as tropas do Exército. No mar, a esquadra estará ativa, buscando o inimigo que ousar se aproximar. Haverá couraçados, porta-aviões, cruzadores, destróiers, submarinos e lanchas torpedeiras.

“Informam do quartel-general do almirante Halsey que os aeródromos de Kahili e de Balldale, no sudeste de Bougainville, foram destruídos. Buka, no noroeste, está sendo atacada diariamente e lá iremos aumentar o ataque. A força aérea do general MacArthur está reduzindo Rabaul a escombros. E no dia que lá desembarcarmos, completaremos o arrasamento. Não obstante, devemos contar com o ataque aéreo do inimigo. Preparem suas trincheiras. Às tropas de construção da Marinha que nos acompanham, muito temos que ser gratos. Agora, já sabem: é atacar e atacar para vencer!”

E sob o peso do tremendo ataque por mar, por terra e pelo ar, de acordo com as operações combinadas, os fuzileiros conseguiram a cabeça de ponte na ilha de Bougainville, e derrotaram os japoneses.



Dois fuzileiros navais, do serviço de comunicações, instalam um telefone de companhia na praia da ilha de Namur logo após a invasão dessa ilha, tomada aos japoneses



Tropas de Infantaria de Marinha avançando na ilha de Namur, apoiadas pela aviação, que, com seus bombardeiros faz o ataque preliminar contra os japoneses





# NOTÍCIAS DO FRONT

TRINTA E QUATRO correspondentes de guerra acompanharam as forças dos Estados Unidos durante a invasão das ilhas Marshall, no Pacífico Central, sendo-lhes dispensadas todas as facilidades da transmissão radiotelegráfica, a bordo dos navios de guerra nos quais se achavam, para mandar suas impressões pessoais das operações de guerra.

Um correspondente que não conseguiu chegar a terra novamente para escrever suas impressões de vista foi Raymond Clapper, de 52 anos, cronista de Washington, e cuja coluna diária era publicada em 180 jornais nos Estados Unidos. Clapper assistiu, de um dos aviões da Marinha, o bombardeamento preliminar. Seu avião, porém, chocando-se com outro, precipitou-se numa lagoa, causando a morte de to-

dos a bordo. O fato causou profunda consternação. Sua morte ilustra os riscos que correm diariamente em todas as frentes de batalha os correspondentes de guerra, para mandarem suas reportagens sobre os históricos acontecimentos que estão se desenrolando. O caso de Clapper revela a vida agitada, cheia de imprevistos, de centenas de correspondentes de guerra espalhados em todo mundo.

Clapper foi o décimo sexto correspondente de guerra norte-americano a morrer durante esta guerra. Muitos outros têm sido feridos; alguns têm sido abatidos, em pleno ar, nos "Fortalezas Voadoras" que atacam a Alemanha; outros tem recebido condecorações militares em reconhecimento da sua coragem e da sua proficiência fornecendo notícias da

guerra. Apesar de andarem fardados, os correspondentes não têm nenhuma hierarquia militar, usando simplesmente o distintivo de identificação das suas funções jornalísticas. Seus amigos e benfeitores encontram-se em toda a toda a tropa — desde o soldado ou marinheiro até os generais e almirantes. Aqueles que estão em serviço nas ilhas de coral, a grandes distâncias, viajam em "jeeps", em aviões e outros meios de transporte, de um ponto a outro. Dormem em macas ou no chão, numa barraca ou na chuva. Comem em mesas ou ao ar livre, servindo-se das rações do Exército, sentados em toras. Falam e viajam com generais, com soldados ou com prisioneiros. Nas bases maiores, os correspondentes dispõem de acomodações melhores, mas,

quasi sempre, pouco tempo têm para apreciar essas regalias, porque os correspondentes de guerra, em geral, estão em contínua e agitada movimentação. Numa das maiores cidades da Austrália, foi alugada uma grande casa para servir de centro de repouso para os correspondentes de guerra. Ali podem passar uns dias em tranquilidade depois das agitações e vicissitudes das batalhas. Muitas vezes é ali que vão tomar seu primeiro banho ou ter sua primeira verdadeira refeição depois de semanas ou meses de atividade em Guadalcanal ou na Nova Guiné. Contrastando com essa "casa de sossego", os correspondentes que acompanharam as forças de ocupação da ilha de Makin, no grupo das ilhas Gilberts, organizaram seu próprio clube, com sede numa das palhoças, onde puseram suas máquinas de escrever, câmeras e outros utensílios profissionais. Uma noite, dois atiradores de tocáia japoneses foram mortos a duzentos metros de palhoça. Oficiais do Exército e da Armada, muitos dos

quais são designados para funções especiais, ajudam a acelerar o trabalho dos correspondentes. Põem automóveis à sua disposição dão-lhes plena liberdade de ação e indicam os pontos mais ativos nas linhas de operações de guerra. E, acima de tudo, os auxiliam na solução de um dos problemas mais importantes na remessa de reportagens de guerra — o da transmissão dos comunicados para seus respectivos jornais. Como isto é feito, constitui, só por si, uma reportagem sensacional.

Há, por exemplo, o caso de um correspondente na Nova Guiné. Ele e seu fotógrafo estavam sentados numa palhoça, na zona de combate, ao norte do aeródromo de Nova Guiné, caçados, desanimados e famintos. Acabavam de voltar de uma arriscada excursão num dos bombardeiros "Mitchell" sobre Arawe, na ilha de Nova Bretanha, onde as tropas dos Estados Unidos tinham desembarcado na manhã daquele dia. Tinham reportagens e fotografias, mas lhes faltavam os meios de enviá-las.

Tinham perdido dois aviões, por uma questão de cinco minutos, e estavam receiosos da possibilidade de passarem a noite naquelas remotas paragens. De repente, um sargento avisou que um avião ia partir dentro de poucos minutos, para uma outra base. Correspondente e fotógrafo pegaram seus sacos de viagem, máquina de escrever e câmera e correram para a pista. Apesar de terem sido advertidos pelos pilotos contra o mau tempo que os aguardava, meteram-se no avião. Naquela mesma noite, o poeirento correspondente mandou a sua reportagem e as fotografias, e pôde dormir descansado. O sistema de comunicações da imprensa estava assim funcionando mais uma vez, e de uma maneira que é bem característica do serviço de guerra no Pacífico, onde um correspondente, às vezes, tem que usar todos os meios de transporte, nas ilhas, e percorrer milhares de quilômetros em poucas semanas — em bombardeiros, em aviões de carga, em lanchas torpedeiras, ou em destróiers.



Raymond Clapper, famoso cronista e correspondente de guerra, ao despedir-se do Maj.-Gen. R. J. Mitchell, antes de seguir para uma de suas missões no Pacífico. Clapper morreu num desastre de aviação, recentemente



Daniel DeLuce (à esquerda), da Associated Press, com outros correspondentes e oficiais do Exército. Na Itália, foi o primeiro a estabelecer o contato entre as tropas inglesas e americanas. Mais tarde, perdeu a vida para ir entrevistar os guerrilheiros na Iugoslávia



Clark Lee (à esquerda), da International News, com Richard Tregaskis, autor do livro "Diário de Guadalcanal". Lee, que já foi correspondente no México, escreveu reportagens sensacionais sobre o conflito de Corregidor, nas ilhas Filipinas. Agora ele está na Itália



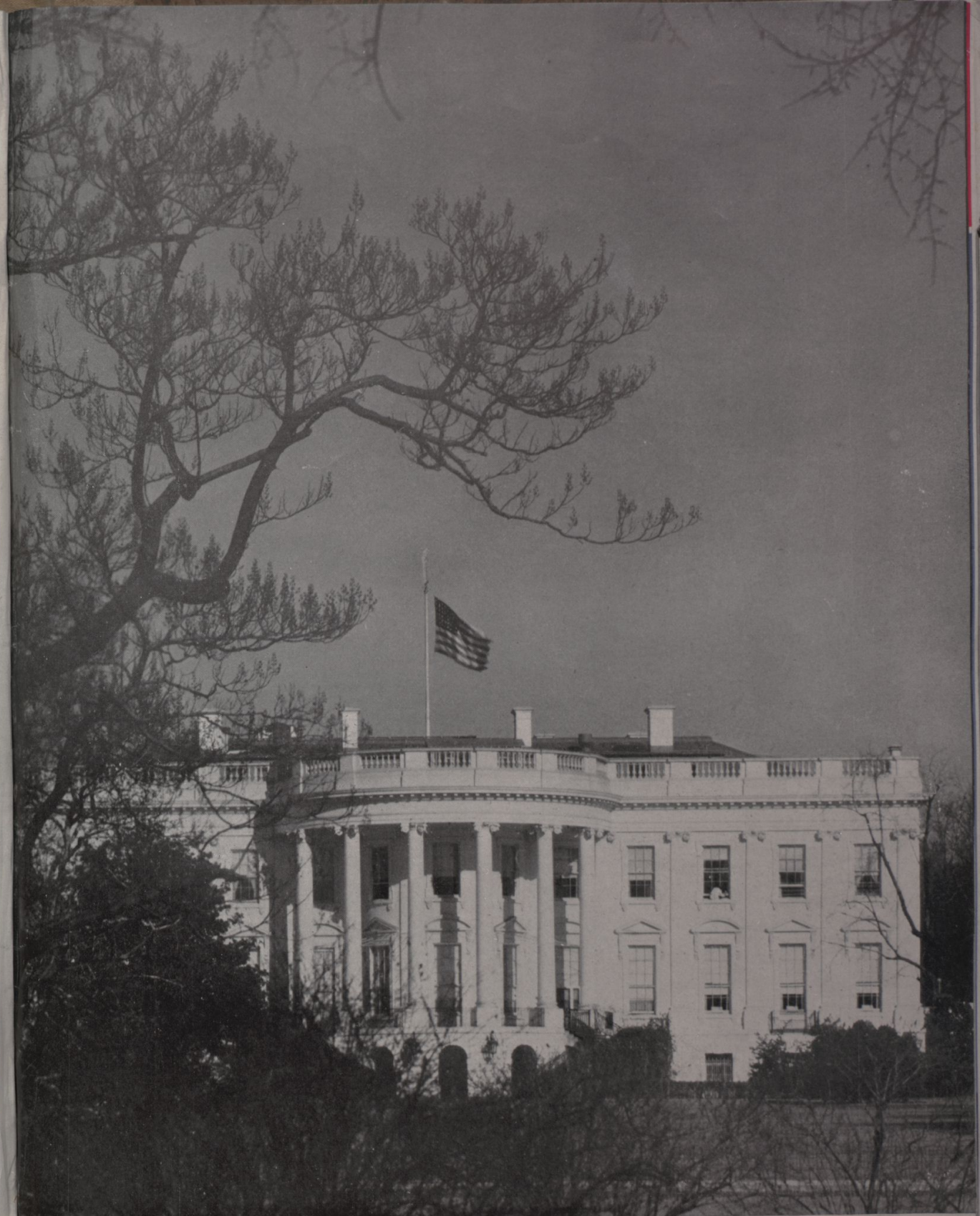
Reynolds Packard, que entrou para a United Press em Buenos Aires, é veterano de três guerras: a da Etiópia, a guerra civil espanhola e a presente guerra. Vêmo-lo ao redigir uma ligeira reportagem, antes de um assalto



## A CASA BRANCA O LAR PRESIDENCIAL

SEGUNDO a lenda, a residência oficial dos presidentes dos Estados Unidos ficou conhecida pelo nome de "Casa Branca" desde que suas paredes, enegrecidas pelo incêndio de 1814, foram repintadas de branco. Vemos aqui o gabinete do presidente, no Salão Oval, com vários quadros e

modelos de navios, da coleção do Presidente Roosevelt. O tapete com cabeça de leão foi-lhe apresentado pelo irmão de Haile Selassie. Era nesse salão que o Presidente Lincoln costumava ler a Bíblia para sua família. Na gravura em baixo vê-se o belo e histórico Salão do Este, de recepção.



A Casa Branca, em Washington, honrada tantas vezes com a visita de Presidentes das Repúblicas Americanas. Com a guerra é um centro de grande atividade

# BONS VIZINHOS

“SÓ haverá a fraternidade entre as nações quando seus cidadãos forem educados a considerar como irmãos os povos das outras nações.”

Assim, de fato, escreveram numerosos alunos das escolas venezuelanas aos seus colegas norte-americanos, reafirmando seu afeto à juventude do Novo Mundo. Sua mensagem, enviada em memória de Simon Bolívar, traduz a opinião já expressa por alguns dos maiores vultos do Hemisfério, apelando para um crescente intercâmbio cultural para estimular cada vez mais o interesse mútuo dos povos americanos. O apelo tem tido bastante repercussão. Agora, mais do que nunca, se acentua em todas as Nações Americanas um movimento que, nêse

sentido, esta se generalizando por todas as camadas sociais, interessadas em estudar e compreender os povos vizinhos. Daí resultarem maiores e mais completas informações interamericanas nas escolas, nos clubes e nas associações; nos filmes, na música, nas artes, nos jornais e nos livros. Mas o que principalmente está contribuindo para fazer com que os povos americanos se conheçam uns aos outros são os centros culturais, os institutos, assim como os programas universitários de verão, adotados nas universidades nos Estados Unidos.

Dêsse institutos culturais, o primeiro foi estabelecido em Buenos Aires, em 1927. Desde então tem crescido o seu número e, hoje, há 22 centros dêsse gênero, prestando inestimáveis serviços à

causa do conagraçamento dos povos americanos. E' verdadeiramente interessante e variado o programa de ação dos institutos. Nêles se realizam conferências, concêrtos, exibições cinematográficas e se facilita a circulação de livros apropriados aos seus membros nessa louvável campanha de entendimento mútuo. Para um perfeito conhecimento do povo e dos costumes e das instituições dos Estados Unidos, o conhecimento da língua inglesa, naturalmente, abre um campo vastíssimo e de maiores possibilidades. Por isso, os institutos têm adotado meios práticos para animar o estudo do inglês, em cursos que têm despertado considerável afluência. Já chega a mais de 15.000 o número de estudantes de inglês matriculados nessas aulas.



Uma aula de espanhol na Escola James Monroe, em Nova York. Em milhares de escolas nos EE.UU. aumenta o número de alunos de espanhol e de português



Trabalhadores venezuelanos durante uma aula de inglês, no Instituto Cultural. Há atualmente vinte e dois institutos funcionando nos demais países da América

Em Assunção, no centro dirigido por Miss B. Hawks (à esquerda), para o ensino da língua inglesa. Os centros estão tendo uma frequência regular de 15.000 alunos





**A biblioteca** George Washington, de São Paulo, é um dos centros que devem a sua existência aos Institutos Culturais. Sua discoteca é bastante apreciada por profissionais e amadores da música



**O poeta** chileno, Dr. Arturo Torres (à esquerda), chefe do departamento espanhol do Mills College, da Califórnia, onde se realizará, brevemente, uma conferência interamericana, com a participação de proeminentes cientistas, educadores e homens de negócios dos E. U. U. Em baixo: Miss Mary Rose Vega dando uma aula de português aos empregados de uma radio-emissora de Nova York



### (Continuação)

Cada centro tem a sua biblioteca, variada e sempre frequentada, destacando-se livros sobre numerosos assuntos e revistas correntes e técnicas. Personalidades de destaque do país e das outras nações americanas frequentemente visitam os centros, sendo organizadas palestras e conferências de real proveito para a disseminação do espírito de cooperação através do conhecimento recíproco da vida dos povos do nosso continente.

A música tem igualmente um papel de grande importância nessa aproximação. Não somente os concertos levam uma maior apreciação dos trabalhos de compositores dos outros países, como também os discos servem para um estudo mais adequado de uma considerável variedade de músicas, clássicas, populares e regionais.

**A CONVIVÊNCIA** nos centros culturais oferece excelente ensejo para os conhecimentos pessoais, as trocas de idéias e de opiniões entre estudantes, professores e demais interessados em desenvolver uma aproximação sempre proveitosa, pelos ensinamentos que ela encerra.

A participação do professorado no intercâmbio cultural interamericano está assente em bases construtivas, segundo planos estabelecidos de comum acordo com as respectivas autoridades governamentais de cada país.

Nos Estados Unidos, durante o ano passado, cerca de 70 colégios e universidades formaram centros culturais interamericanos, atendendo ao grande interesse que o assunto tem despertado nas outras repúblicas. Dos programas, cuja execução varia de três a cinco dias, são exibidos filmes naturais e educacionais apropriados e, exposições de pinturas; realizam-se concertos musicais e conferências cujos temas se referem a aspectos da vida, dos costumes e da cultura das nações irmãs. Esses programas, às vezes, são patrocinados pelos centros interamericanos existentes em 17 grandes cidades dos E. U. Uma das reuniões mais notáveis foi a realizada em Buffalo, no Estado de Nova York, para comemorar o Dia Panamericano. Três estabelecimentos de ensino participaram do Conselho Panamericano de Buffalo e o Colégio Católico Canisius. Esses estabelecimentos tiveram, por sua vez, a solidariedade de 300 entidades locais, destacando-se dentre elas, várias outras escolas, bibliotecas, clubes patrióticos, galerias de arte, museus, clubes femininos e associações escoteiras.

Os cursos de verão também estão sendo um dos meios de grande aproveitamento interamericano. Este ano, 27 estabelecimentos de ensino convidaram numerosos estudantes, outras pessoas e mais de 2.000 professores para assistirem às "provas práticas interamericanas". Durante um período de seis a oito semanas, sob a orientação de especialistas, professores praticaram a melhor maneira de ensinar o espanhol e o português, e de divulgar, atrativamente, conhecimentos úteis e generalizados sobre a história, a literatura, a música e as artes dos demais povos americanos.

**N**O Colégio Claremont, na Califórnia, num período de sete semanas, realizaram-se conferências sobre os problemas educacionais e sobre a solidariedade continental americana em face da situação mundial. O Colégio Mills convidou representantes de várias profissões para discutirem os problemas ligados aos seus respectivos campos de atividade, sob o ponto de vista interamericano. Nos programas universitários de verão, consta a participação de numerosos professores de renome, das demais Nações Americanas, especialmente convidados para fazerem conferências. Na Escola Lincoln, de Nova York, foi organizado um programa de familiarização da juventude escolar da grande metrópole, com os assuntos relativos às demais nações do continente. Tais programas, organizados sob os auspícios de proeminentes educadores, despertam grande interesse, que se reflete nas notícias da imprensa em geral. Servem para estimular, através da educação e do ensino a prática do ideal expresso pelo Dr. Arturo Torres Rioseco, distinto poeta e escritor chileno, que ora faz parte do corpo docente do Colégio Mills, da Califórnia:

"Americanos do norte e do sul, aspiramos todos um mútuo e perfeito conhecimento, sem os passados ressentimentos, um conhecimento que nos leve a desfrutar no futuro, a felicidade a que temos direito como povos pacíficos, habitantes dos verdadeiros paraísos terrestres que são as nossas respectivas pátrias."

Os conceitos emitidos pelo poeta Rioseco refletem o pensamento predominante em todas as correntes de opinião interessadas em unificar os povos americanos em bases permanentes, de um perfeito entendimento mútuo, do qual só poderá resultar a justa apreciação dos valores de cada um. Tanto nos Estados Unidos, como nas outras nações, essas diretrizes têm tido os melhores colaboradores.



## CONGELAMENTO

Os riscos a que se expõe o aviator

**A** MILHARES de metros de altitude, a atmosfera rarefeita e gélida obriga os aviadores a usarem abrigos e luvas especiais, aquecidas por meio de pilhas elétricas. Quando um aviator se vê na necessidade de se desfazer do seu abrigo ou de suas luvas, arrisca-se aos terríveis efeitos do congelamento, den-

tro de poucos minutos de exposição aos rigores do frio. Esse risco, entretanto, não impediu que o sargento Nelson King, tirasse suas luvas, para ajudar um companheiro, durante um combate. Vêmo-lo na gravura acima, com as mãos cobertas de ataduras, sendo alimentado, por uma enfermeira, num hospital.





No clube militar norte americano na base de Natal: a Sra. Roosevelt, registrando-se no clube, deixa o seu autógrafo numa gigantesca e histórica pele de cobra

## VISITANTE ILUSTRE

QUANDO a Sra. Eleanor Roosevelt, esposa do Presidente dos Estados Unidos regressou de sua viagem à América Central e do Sul, onde teve ocasião de visitar as bases militares americanas, presenteou seu esposo com uma lembrança da sua passagem pelo Brasil — um pequeno modelo de jangada. A esposa do presidente sempre lhe trás uma lembrança de suas visitas a outros países, e

esta de agora foi ocupar lugar de destaque na variada coleção de embarcações do presidente. A Sra. Roosevelt trouxe a melhor impressão de sua visita, confessando-se muito sensibilizada pelas gentilezas que lhe foram cumuladas pelas autoridades e por pessoas da sociedade brasileira durante a sua estadia. A viagem foi feita num avião "Liberator" e a Sra. Roosevelt passou três dias visitando as bases.

A Sra. Eleanor Roosevelt, com o Embaixador Jefferson Caffery e o Almirante Ary Parreiras, visita a base de Natal



A esposa do Presidente Roosevelt entrega a Medalha de Aviação e o Estréla de Ouro ao sub-oficial maquinista Earl J. Kloss, por atos de bravura durante o serviço de patrulha no sul do Atlântico, num avião de bombardeio "Liberator"



A entrada do castelo de Angelus, na Itália, depois dos alemães o terem saqueado, destruindo custosas peças de mobiliários, de grande valor histórico

OS aliados estão empenhados numa tremenda luta por trás das linhas de batalha, para preservar os tesouros da cultura européia contra a destruição nazista. Desde 1939 que famosas obras primas, como a Venus de Milo, o altar de Ghent e os sinos da igreja de Santa Catarina, em Bruxelas, foram confiscados pelos nazistas e enviados para a Alemanha. Outras relíquias históricas têm sido destruídas desnecessariamente. Tornase, pois, uma das tarefas mais importantes da guerra, para os aliados, restituir aos seus legítimos donos muitas obras de arte e evitar que a fúria nazista continue na sua sanha destrutiva.

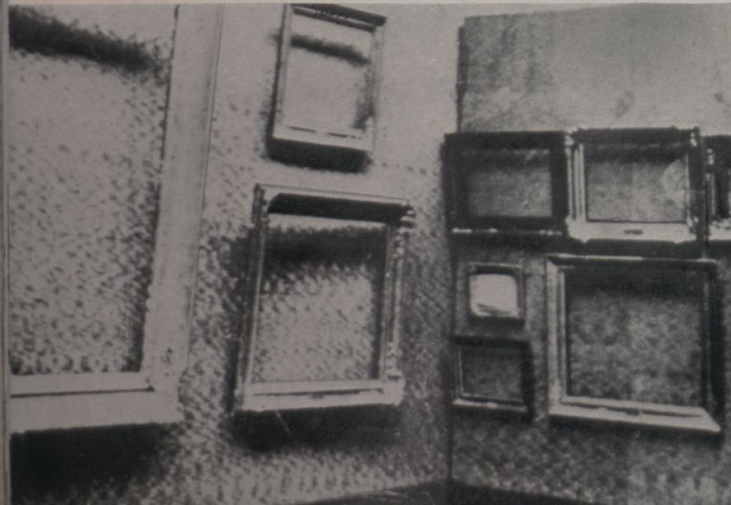
Quando começou a guerra, vários representantes de museus e de universidades reconheceram a necessidade de formar uma organização para proteger os tesouros históricos da Europa. De todas as partes dos Estados Unidos apelaram para o governo federal afim de criar uma comissão destinada a agir de comum acordo com os exércitos aliados. Formou-se então a Comissão de Proteção e Salvamento de Monumentos Históricos e Artísticos da Europa, de caráter oficial, composta de famosos peritos, de Côrte Suprema dos EE.UU., da Galeria Nacional de Arte, da Biblioteca do Congresso, do Instituto Arqueológico da América, Universidade de Harvard e do Museu Metropolitano de Nova York. A comissão, cooperando com os aliados, imediatamente começau seus trabalhos apelando para o concurso de personali-



Mapa de Benevento, Itália, preparado pelos especialistas norte-americanos, para uso da comissão de proteção e salvamento de monumentos artísticos e históricos na Europa, os quais estão assinalados



As autoridades administrativas aliadas dão início aos trabalhos de restauração dos artísticos na Itália. Os operários vão fazer os necessários reparos nesta igreja histórica. Em baixo: um foto que escapou à censura nazista, mostrando a Galeria Nacional, de Oslo, completamente vazia. Os alemães roubaram seus quadros e os mandaram para a Alemanha



**(Continuação)**

dades familiarizadas com os vários países da Europa e com a sua cultura. Quasi mil peritos, cientistas e artistas responderam ao apelo. A comissão, desde então, tem feito um profundo estudo do território inimigo e dos países ocupados que possam vir a servir de teatro de operações para as tropas aliadas, organizando uma lista de propriedades religiosas e dos respectivos governos. Igrejas, palácios, galerias de arte, bibliotecas, relíquias religiosas, etc., têm sido cuidadosamente anotadas.

As listas têm merecido francos elogios dos oficiais aliados que se encontram nos campos de batalha, por serem completas e práticas, servindo, por isso, de verdadeiras guias aos exércitos nas suas avançadas em território europeu. Mais de 350 mapas mostrando o local de objetos artísticos e históricos já foram fornecidos às forças aéreas e aos oficiais encarregados da administração civil, sendo os mapas acompanhados de um ligeiro histórico e de uma descrição dos principais monumentos.

Além da preparação dessas listas, a comissão organizou um pequeno manual sobre a conservação dos objetos. Já mandou notáveis peritos à Europa para cooperarem com cada um dos governos militares das regiões ocupadas pelos aliados. Esses especialistas orientam os trabalhos de pequenos reparos a serem feitos nos objetos, assim como tratam de preservar da melhor maneira possível os fragmentos a serem usados nas restaurações, depois da guerra.

Por sua vez, os exércitos aliados, agindo sob ordens rigorosas, têm tomado todas as precauções para evitar a danificação de igrejas e monumentos, e para zelar pelas obras de arte, pelos arquivos e bibliotecas. Até agora, os danos causados em consequência da invasão da Itália têm sido pequenos. Os principais templos gregos da Sicília não sofreram nada, o mesmo acontecendo com as igrejas normanas de Palermo, de Monreale e de Cafalu. Conquanto o Quinto Exército tenha desembarcado muito perto dos templos de Paestrum, estes não sofreram danos, absolutamente.

OS líderes aliados esperam reduzir ao mínimo as danos causados aos tesouros de arte. O secretário da Guerra, Stimson, declarou que "todas as precauções estão sendo tomadas contra a destruição de propriedades culturais, históricas ou religiosas. Mas se se tornar evidente que o inimigo faz uso de tais monumentos para fins militares, pondo em risco a vida dos soldados norte-americanos, não haverá outra alternativa senão atacá-los. A vida dos soldados americanos tem que ser salvaguardada, seja qual for o custo nas coisas materiais."

As tropas que ocuparam várias cidades, depois da retirada dos nazistas, encontraram enormes danos causados pelo inimigo a propriedades históricas. Em Nápoles, a biblioteca pública foi incendiada por ordem dos alemães. Em muitas outras cidades menores, imagens religiosas foram sistematicamente danificadas. Um dos exemplos mais notáveis desses excessos foi o incêndio dos tesouros de arte da vila de Montesano, em Livardi, onde 60 ou 70 quadros ficaram perdidos, inclusive um antigo e famoso retrato, trabalho de Botticelli e a "Madonna", de Luini. Foram também destruídos insubstituíveis documentos históricos europeus que datam de 1239 a 1811.

Após a libertação de uma cidade, as autoridades militares aliadas tomam providências imediatas para a proteção de objetos de arte, monumentos e demais relíquias históricas. A comissão bem sabe que a tarefa mais difícil será depois da guerra, quando as propriedades roubadas tiverem de ser restauradas. O saque em grande escala e a destruição de objetos de arte, pelos nazistas, nos países ocupados está atualmente tomando proporções nunca vistas, desde os tempos de Napoleão Bonaparte. Muitas coleções particulares do continente estão agora em poder de Goering, de Himmler e do próprio Hitler, no seu retiro de Berchtesgaden. Obras primas como "Artista no atelier", de Vermeer, ou o "Altar de Ghent", de Van Eyck, compõem as coleções particulares de Hitler e de Goering, ao mesmo tempo que outras grandes coleções particulares, como as do príncipe Czarorski de Cracóvia, na Polónia, a do conde Czernin, de Viena, na Áustria, ou a do barão de Rothschild, de Paris, têm desaparecido.

As Nações Unidas afirmam que todas as propriedades que passarem a outras mãos durante a ocupação do Eixo e todas as transações feitas pelos nazistas serão consideradas nulas, até ficar provado que as mesmas foram realizadas legitimamente e sem coação. Desta maneira, esperam conservar vivas as tradições culturais de um período de quase 5.000 anos e devolver aos seus respectivos donos, quer sejam indivíduos ou nações, valiosos tesouros históricos confiscados por ordem expressa de Hitler.

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas—Marinha dos EE. UU., de Acme, Harris & Ewing, H. & E. Exército dos EE. UU., de Acme. Páginas: 1, H. & E., 2, PA, Int., 3, Acme, Int., 4, Sovfoto, 5, CNS, de Guimela, Int., 6, Int., 7, Acme, Int., PA, Acme, & Acme, 9, Int., 10, 11, 12, 13, R. A. LaBan, 14, Peter Killian e Lee, de U.S.D.A., R. K. LaBan, 15, 16, U.S.D.A., 17, 18, CIA, 19, Alan Fisher, CIA, 20, Robert Yarnall Richie, Bradley McCord, da Pictorial Publishing Co., 21, Robt. L. Dohy, de FPG, K. A. Reilly, de FPG, Mike Ackerman, de Acme, 22, Triangle, Charlet Phelps Cushing, James Sawyers, de Cushing, 23, Fred Knoop, de Monkmeier, 24, Parade, 25, Phillip D. Gendreau, Dmitri Kessel, de Frederic Lewis, Acme, 26, Int., Acme, 27, Int., PA, Acme, 28, Harris & Ewing, Int., 29, Harris & Ewing, 30, 31, Acme, 32, Int., Honyczak, 34, 35, CIA, 36, CIA, 37, Acme, 38, PA, 39, Acme, Corpo de Sinaleiros do Exército, 40, Int., Acme. Abreviaturas: CIA (Coordenador de Assuntos Interamericanos), FPG (Free Lance Photographers Guild), H. & E. (Harris & Ewing).

Dois soldados dos Estados Unidos de guarda no antigo Templo de Netuno, em Paestrum, na Itália. É um monumento histórico que data de 2.700 anos

